

GERENCIAMENTO DE CRISE



TREINAMENTO

Retrospectiva de Cursos 2009

ANÁLISE

Desenvolvimento Sustentável: os riscos de aderir ou não



Ponto de Vista

Editorial

Especial

Não Existe Gestão de Crise sem Análise de Riscos7

Análise

Gerenciando a Segurança Empresarial pelas Diretrizes11

Desenvolvimento Sustentável: os riscos de aderir ou não14



Acontece na Brasiliano22

Segurança da Informação

Cloud Computing e Aspectos Legais26



Treinamento

Retrospectiva de Cursos 200929

Carreira

A vida no exterior: Sonho X Realidade38



Ler&Saber

A revista Gestão de Riscos é uma publicação eletrônica mensal da Sicurezza Editora.

Rua Barão de Jaceguai, 1768. Campo Belo - São Paulo - SP, 04606-004, BRASIL

Diretores | Antonio Celso Ribeiro Brasiliano e Enza Cirelli. **Edição e Revisão** | Mariana Fernandez. **Arte e Diagramação** | Agencia BM Design

Colunistas | Mariana Fernandez. **Colaboradores desta edição** | Camilla do Vale Jimene, Luca Tenzi, Nino Ricardo Meireles e Renato Opice Blum.

Brasiliano & Associados Online | www.brasiliano.com.br **Blog da Brasiliano & Associados** | www.brasiliano.com.br/blog

Fotos da Capa | Jonas Rodrigues Pimentel, Marcello Casal Jr./ABr e Roosevelt Pinheiro/ABr

GESTÃO DE “KRISIS”: CAPACIDADE DE ADAPTAÇÃO E AÇÃO!!

A palavra **crise**, em grego antigo, *krisis*, significa tempo de decisão, sendo que numa crise e ou situação emergencial, o tempo de agir é sempre agora.

Charles Darwin observou que “não são os mais fortes ou maiores que sobrevivem, mas aqueles com maior capacidade de adaptação”.

Assim, a adaptação é um fator-chave, especialmente numa crise e ou situação de grande anormalidade. E, paradoxalmente, é também mais fácil, uma vez que o instinto de sobrevivência diminui resistências internas.

O início de 2010 foi repleto de catástrofes naturais. Com deslizamentos no Rio de Janeiro, enchentes por todo o país, além do terremoto que devastou o Haiti, ficou clara a necessidade dos líderes empresariais e das instituições públicas focarem-se na gestão de crises com capacidade de visão prospectiva e na operacionalização de planos de respostas a emergências.

A visão prospectiva só é conseguida através de um processo estruturado de gestão de riscos. Hoje, através da recém-lançada ISO 31000, sugere-se o processo estruturado e ordenado, já que essa inclui em seu framework a compreensão do contexto estratégico tanto interno como externo, ou seja, a construção de cenários.

Outra fase extremamente importante é a identificação e análise de riscos, onde o nível de criticidade dos eventos é projetado. Com isso, as empresas e instituições públicas podem estruturar planos de respostas alinhados com o nível de criticidade. Nota-se claramente que hoje, no Brasil, não há gestão de riscos, o que faz com que as crises passem a ser somente reativas, sem preparo e ou planejamento. Isso senhores é FATO!! Basta ver os noticiários diários neste mês de janeiro de 2010 no Brasil...

Os planos de respostas a emergências devem estar estruturados de tal forma que possam ser adaptados de acordo com as situações. Não podem e nem devem ser verdadeiros romances, livros. Devem ser escritos com grande objetividade e com frases muito curtas, possuindo as informações relevantes de acordo com os cenários prospectados.

Na administração, o guru Peter Drucker escreveu que há quatro vetores estratégicos para que as empresas se adaptem rapidamente em situações de crise. Poderemos transpor o ensinamento com efeito para a área de gestão de riscos e segurança empresarial. São eles: **ontem, presente, futuro e interno**.

Primeiro, a necessidade de preterir as atividades de **ontem** a favor das tarefas de amanhã. Defender o passado é um risco maior que criar o futuro, ou seja, pensar que os procedimentos e sistemas sempre são válidos e que o contexto não muda é um erro estratégico!!

Segundo, o **presente** tem que ser gerido. Necessita saber a sua condição de recursos e meios. Qual sua real situação? Quais são os pontos fortes e fracos? Conhecer a real condição de resposta diante da estratégia, recursos e meios organizacionais é imprescindível na constante atualização.

Terceiro, a dimensão do **futuro**, visão prospectiva. Respondendo às perguntas, se acontecerem esses cenários, quais serão os impactos?

Quarto e último, o vetor **interno**. Suportaremos os impactos? Poderemos quebrar regras e paradigmas para podermos sofrer as adaptações e fornecer respostas eficientes?

Se em tempos normais essas quatro questões devem ser periodicamente abordadas, em momentos de crise, a pressão para a ação é ainda maior. Em tempos de crise, essa transforma os problemas em emergências, portanto a ação deve ser imediata.

Agir já!! Essa é uma responsabilidade da gestão do topo, porque *"o espírito de uma organização é criado a partir do topo. E se cai é porque o topo apodrece. Como diz o provérbio: as árvores morrem a partir do topo"* (Drucker).

Por que será que continuamos a ter as mesmas enchentes? Os mesmos deslizamentos? Sempre será culpa de Deus? Sempre será culpa da natureza? Não falta gestão de riscos?

Na minha opinião falta responsabilidade em gestão de riscos! Vamos refletir...

Boa leitura e sorte!!!

Antonio Celso Ribeiro Brasiliano
Publisher
abrasiliano@brasiliano.com.br

PONTO DE VISTA

técnica, precisão e agilidade

requisitos fundamentais para a gestão de riscos!!

Sua empresa possui? Ou simplesmente chuta?



PODE VIR FERVENDO

2010 já deu o que falar. O Brasil inaugurou o primeiro dia do ano com uma tragédia que matou 49 pessoas em Angra dos Reis, no Rio de Janeiro, devido a um enorme deslizamento de encosta. Brasil afora, muitas pessoas perderam seus bens e suas vidas no mês de janeiro mais chuvoso de todos os tempos no Estado de São Paulo. Na Europa, no dia 10, a neve e o vento causaram mais de 100 mortes. E para fechar o ciclo de catástrofes “naturais” do mês, um terremoto de 7,3 graus na escala Richter provocou grande destruição no Haiti, matando milhares de pessoas, no dia 12.

Sobre todas essas contingências, a Gestão de Riscos deste mês traz o artigo decisivo de Antonio Celso Ribeiro Brasileiro *Não Existe Gestão de Crise sem Análise de Risco*, mostrando como minimizar perdas e mitigar riscos ditos “imprevisíveis”.

As catástrofes deste ano podem ser manifestações naturais do planeta em que vivemos. Se o planeta tem 4,56 bilhões de anos e nós hominídeos apenas 195 mil anos, quer dizer que somos muito jovens para conhecer todos os mistérios desta senhora Terra. Ocorrências naturais ou resultado da degradação ambiental, antes de se ter certeza - se é que um dia iremos ter - é melhor respeitarmos o meio ambiente e retirarmos dele apenas o que pudermos repor.

Do ponto de vista das corporações, o respeito aos ecossistemas evita, antes de catástrofes naturais, prejuízos de ativos e imagem. Para entender a fundo a importância da atitude sustentável no mundo corporativo, a GR traz *Desenvolvimento sustentável: Deixe viver para sobreviver*, um artigo inaugural para o Ano Internacional da Biodiversidade.

Pela “palhinha” que tivemos até agora, este ano promete ser intenso. Pelo que podemos prever ainda teremos, para alegrar a torcida, Copa do Mundo em junho e eleições, em outubro (para presidente, governador, senador, deputado estadual e deputado federal).

De novidades, a GR deste mês traz Nino Ricardo Meireles e Luca Tenzi inaugurando suas colaborações, deixando a Gestão de Riscos ainda mais completa.

Completa como antes, a GR continua com a colaboração de Camila do Valle Jimene na área de direito eletrônico e permanece com colunas recheadas de informações contundentes.

Na seção Acontece, uma retrospectiva da área de Treinamento da B&A atesta através dos próprios alunos, os benefícios da capacitação e qualificação. Livros e mais livros da Coleção Gestão de Riscos preenchem a Ler & Saber, completando as lacunas do conhecimento na área de gerenciamento de riscos corporativos.

Graças a você leitor, completamos mais um ano e, com ele, mais bagagem em gestão de riscos conquistamos. Independente da tensão e emergência, sabemos como analisar e administrar os problemas relacionados à riscos. Muito mais do que reativos, somos pró-ativos... o fogo não nos surpreende.

Pé direito e boa leitura!

Mariana Fernandez
Editora



FOTOS: Marcello Casal Jr./ABr e Roosevelt Pinheiro/ABr

Não Existe Gestão de Crise sem Análise de Riscos

Antonio Celso Ribeiro Brasileiro

O título deste pequeno artigo visa apenas ressaltar a incompetência dos gestores públicos e privados na gestão de situações de anormalidade. Estamos falando dos acontecimentos que o Brasil e também o Haiti sofreram neste início de 2010. Enchentes, deslizamentos e terremotos. Não estamos aqui, para somente apontar que faltou estrutura e recursos, mas algo mais profundo, relacionado com conceito e processo estruturado de gestão e planejamento.

Os sinistros podem acontecer sem qualquer aviso. Quando ocorrem, normalmente não há tempo para planejamento, organização ou treinamento. O grande problema destas situações de anormalidade é a aceitação de que essas situações podem, de fato, ser reais e virem a acontecer. Tais situações podem ser inevitáveis, apesar de todo e qualquer esforço para evitar ou até mesmo diminuir suas probabilidades de ocorrência. Como exemplo podemos citar, neste início de ano, o terremoto do Haiti e os desastres no Brasil.

TERREMOTO NO HAITI:

O terremoto que atingiu o Haiti na terça-feira, 12 de janeiro de 2010, era “apenas uma questão de tempo”, nas palavras de um cientista britânico. Segundo Roger Musson, da British Geological Survey (BGS), o Haiti está localizado sobre uma falha geológica entre duas placas tectônicas, que há 250 anos vinham acumulando energia. “A questão era se liberaria tudo de uma vez ou em uma série de terremotos menores”, disse ele.

O tremor é considerado o mais forte a ocorrer em terra nos últimos cem anos no território.

“A falha permaneceu presa por cerca de 250 anos. Durante todo esse tempo, ficou acumulando energia cada vez que as placas passavam umas pelas outras, e era apenas uma questão de tempo para que liberasse toda essa energia”, disse Roger Musson.

De acordo com o US Geological Survey, a falha Enriquillo-Plaintain pode ser a origem de vários tremores de terra fortes já registrados na história da região em 1860, 1770, 1751, 1684, 1673 e 1618. Em 1946, um terremoto de 8,1 graus atingiu a República Dominicana, que junto com o Haiti compõe a ilha de Hispaniola, produzindo um tsunami que matou quase duas mil pessoas.

Pergunta: Havia contingenciamento previsto? Por que a ONU foi pega de surpresa? O Haiti está em cima da placa tectônica e já teve sete terremotos!! O que faltou?

DESASTRES NO BRASIL

Segundo a base de dados internacional sobre desastres da Universidade Católica de Louvain, Bélgica, entre 2000 e 2007 mais de 1,5 milhões de pessoas foram afetadas por algum tipo de desastre natural no Brasil. Os dados também mostram que, para este mesmo período, ocorreram no país cerca de 36 grandes episódios de enchentes, secas, deslizamentos de terra e o prejuízo econômico gerado por esses eventos é estimado em mais de US\$ 2,5 bilhões.

Avalia-se que, no Brasil, os desastres naturais mais comuns são as enchentes, a seca, a erosão e os escorregamentos ou deslizamentos de terra. Eles são responsáveis por um número elevado de perdas humanas e materiais todos os anos.

Esses dados são corroborados através da pesquisa de Informações Básicas Municipais - MUNIC, realizada pelo IBGE em 2002 e publicada em 2005. Essa pesquisa, que enfoca a ótica do gestor municipal, mostra que, no Brasil, os maiores desastres relacionam-se a inundações, escorregamentos e erosão, e que esses processos estão fortemente associados à degradação de áreas frágeis, e são potencializados pelo desmatamento e por ocupações irregulares. Os dados revelaram que cerca de 50% dos municípios brasileiros declararam ter sofrido algum tipo de alteração ambiental nos 24 meses anteriores à pesquisa e, dentre esses, cerca de 16% sofreram com deslizamentos de encosta e 19% com inundações.

Foto: Marcello Casal Jr./ABr



Foto: Marcello Casal Jr./ABr

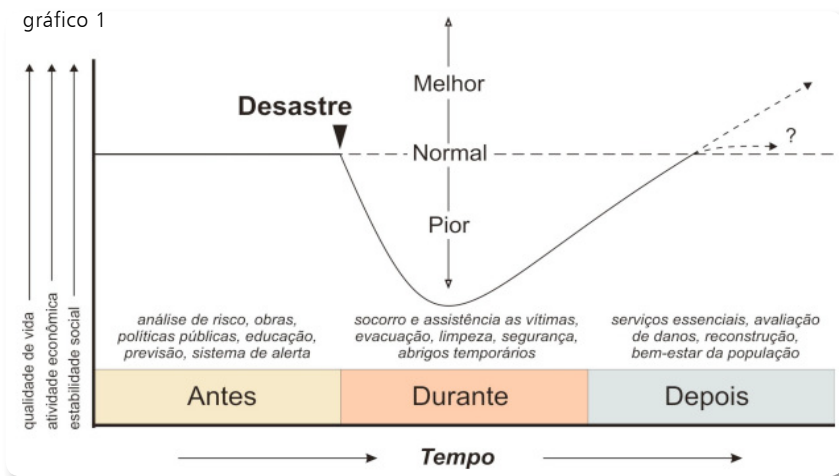


Foto: Marcos Paulo Dias

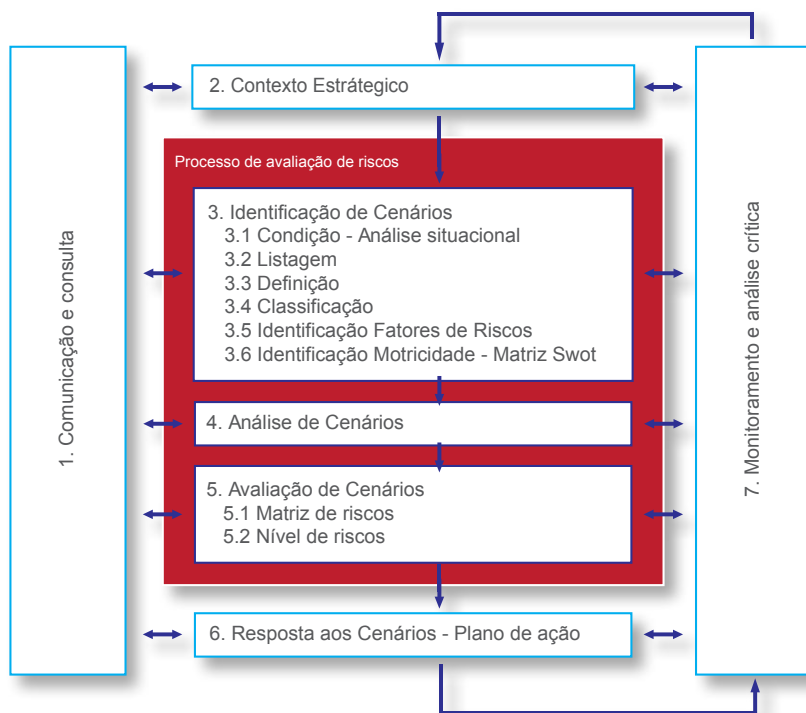


Foto: Roosevelt Pinheiro/ABr





Framework do Processo Gestão e Análise de Cenários - Método Brasileiro Avançado



Pergunta: Há contingenciamento previsto? Por que sempre as autoridades são pegas de surpresa? Sempre será culpa da mãe natureza?

Fases do Desastres

Segundo o Coronel do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Baptista de Araújo, em seu livro Administração de Desastres, a administração de desastres se analisa e estuda para fins práticos, de forma sistemática como uma sequência cíclica de etapas que se relacionam entre si, e que se agrupam por sua vez em três fases distintas: antes, durante e depois.

No gráfico 1, ao lado, poderemos visualizar suas fases com as ações a serem desenvolvidas.

A base de qualquer Plano de Resposta a Emergência consiste na elaboração de uma Análise de Riscos, a qual é uma forma de se antever cenários e de se definir as medidas a serem implementadas, quer em termos de convivência com o risco, prevenção (diminuir a chance de ocorrência), ou intervenção (ação emergencial de controle).

O gestor de riscos deve utilizar para isso o Framework da ISO 31000, adaptado conforme gráfico ao lado, utilizando Cenários de Desastres em vez de Riscos.

A descrição dos cenários de desastres deve ser detalhada, com base nas informações, conforme descrição do Coronel do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Baptista de Araújo, em seu livro Administração de Desastres:

1. Característica do desastre – descrevendo os elementos que compõem o desastre;
2. Forma de ocorrência - como é esperada a manifestação do desastre;
3. Tempo de impacto - durante quanto tempo se espera que os efeitos do desastre durem;
4. Extensão do impacto - área provável de manifestação do desastre, a qual deve ser acompanhada de dois documentos importantes:
 - 4.1 Mapa de Riscos - Mapas em escalas entre 1:50.000 e 1:25.000, aonde estarão registrados os principais riscos observados na região em estudo e,
 - 4.2. Mapa de Vulnerabilidade – Mapas em escalas entre 1:50.000 e 1:25.000, aonde estarão registrados os principais pontos que sofrerão a ação do impacto do desastre tais como comunidades, construções, estruturas, meio ambiente etc;

5. *Maneabilidade do desastre - As formas pelas quais o desastre poderá ser administrado;*
6. *Descrição da comunidade e seu meio ambiente - Contendo elementos como demografia, cultura, economia, infra-estrutura e meio ambiente;*
7. *Descrição dos efeitos - Descrição dos efeitos esperados do desastre.*

Essas informações fazem com que os cenários sejam mais próximos da realidade possível, favorecendo o planejamento da resposta à emergência.

CONCLUSÃO

Os sistemas de respostas de emergência como um todo ainda não estão adaptados a situações de massa, pelos mais diversos fatores, tais como: problemas de comando, coordenação e organização do local do evento, dificuldade de comunicações e de suporte logístico ao local do evento. Um bom exemplo do fato foi demonstrado no terremoto da Cidade do México em 1984, quando os veículos de socorro que primeiro chegavam aos locais, especialmente as ambulâncias, se viam impossibilitadas de sair, em virtude da chegada de novos socorros, causando um autêntico “engarrafamento de viaturas de socorro”.

O cenário do grande acidente mais o estresse e as dificuldades para se gerenciar

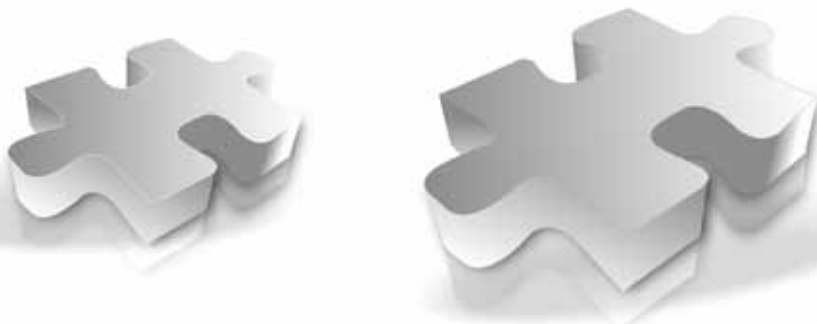
a nova situação fazem com que as condições de trabalho se transformem em quase caóticas. As condições de pressão, a existência de múltiplos intervenientes, a polícia, as companhias de gás, luz, limpeza, as autoridades presentes, a imprensa, etc... Exigem uma nova organização de socorro para esses casos. Por essa razão, a previsão das consequências, com suas respectivas extensões é o principal fator-chave de sucesso de um Plano de Resposta a Emergência.

A base dessa previsão é a Análise de Risco!! Infelizmente, ainda teremos inúmeros eventos sendo negligenciados pelos administradores públicos e privados, pela simples falta de operacionalização de processos estruturados de gestão de riscos.

Antonio Celso Ribeiro Brasileiro

Publisher da Revista Gestão de Risco
e Diretor da Brasileiro & Associados
abrasiliano@brasiliano.com.br

sumário)





Gerenciando a Segurança Empresarial pelas Diretrizes

Nino Ricardo Meireles

Os desafios empresariais estão cada vez maiores, isso porque crescem a cada dia tanto as exigências do mercado como o desempenho dos concorrentes. Para fazer frente a essa realidade, as empresas necessitam superar continuamente seus patamares de atuação. Tal superação não é conseguida através da rotina diária, é necessário alcançar níveis superiores, que, segundo Falconi, são alcançados com o gerenciamento pelas diretrizes.

O gerenciamento pelas diretrizes busca atingir metas que não podem ser alcançadas com a rotina do dia-a-dia e está voltado para solucionar os problemas prioritários da empresa. Nessa busca, percebemos a importância do gerenciamento dos riscos e da gestão das perdas, pois o alcance das metas passa pela melhoria dos processos.

Quando falamos em gerenciar pelas diretrizes estamos falando em gerenciar utilizando o ciclo PDCA. Na fase P (planejar) são estabelecidas as diretrizes (metas + medidas) para todos os níveis gerenciais e os respectivos planos de ação. Na fase D (executar) são executadas as medidas necessárias para se alcançar as metas, tendo como referência os planos de ação. No terceiro momento, fase C, fazemos a verificação dos resultados e do grau de avanço das medidas. Na última fase (A), fazemos uma análise da diferença entre as metas e os resultados alcançados, determinamos

as causas do desvio e fazemos recomendações a respeito das medidas corretivas (contramedidas). Para que o gerenciamento pelas diretrizes aconteça é essencial cumprir todas as fases desse ciclo.

Esse tipo de gerenciamento deve ser utilizado para conduzir as mudanças que são necessárias, em virtude do mercado impor metas desafiadoras, para que as empresas alcancem suas metas. Nesse processo, é necessária a atuação criativa e dedicada de todos os colaboradores.

Existem alguns conceitos importantes para o gerenciamento pelas diretrizes, o primeiro é o conceito de meta. A meta é composta de três partes: objetivo gerencial, valor e prazo. Um exemplo simples seria: reduzir os furtos em 10% até o final do ano. O objetivo gerencial é reduzir os furtos. O valor é 10% e o prazo é até o final do ano.

O segundo conceito é o de diretriz. Diretriz é o somatório da meta com as medidas necessárias para alcançá-la. Podemos perceber que as medidas são estabelecidas sobre os meios e a meta sobre os fins. O estabelecimento da diretriz visa resolver problemas e se dá através de um processo de planejamento. Para que a meta do exemplo anterior seja alcançada é evidente que certas ações terão que ser tomadas, ou seja, algumas medidas serão necessárias.

Podem existir dois tipos de medida: desdobrável e não-desdobrável. O primeiro tipo de medida será executada no nível operacional ou por outros processos. A medida não desdobrável será executada pelo próprio responsável pela diretriz e é transformada em ação.

O terceiro conceito importante é o de problema. Segundo Falconi, problema é um resultado indesejável de um processo. É uma meta não alcançada.

O quarto conceito é o de planejamento. Planejar significa estabelecer um plano, ou seja, um conjunto de medidas para atingir a meta. As fases básicas são: conhecer a meta, analisar o fenômeno, analisar o processo e estabelecer o plano. O plano de ação pode ser apresentado com a técnica 5W 2H (what, who, when, where, why, how e how much). Podemos também usar 5W 1H. Neste caso o H de how much (quanto custa) é trabalhado em separado.

Como a gestão da segurança tem que estar alinhada com as metas estratégicas da empresa é lógico que o gestor da segurança empresarial terá que gerir com base em diretrizes. Para esse fim, ele terá que utilizar com maestria o ciclo PDCA (planejar, executar, controlar e agir), já que não será mais possível gerenciar sem planejamento.

As diretrizes do gestor da segurança serão desdobramentos das diretrizes estratégicas. Os sistemas preventivo e contingencial de segurança serão desenvolvidos para dar suporte ao alcance das metas desenvolvidas pela alta administração, ou seja, a gestão da segurança não é uma coisa à parte, mas sim integrada ao negócio da empresa.

Essa realidade nos faz perceber a importância da formação acadêmica do gestor de segurança empresarial, ou seja, as ações desse profissional têm que ser científicas e não empíricas. A gestão da segurança é tão importante e complexa quanto a gestão dos demais departamentos da empresa.

Sucesso!!!!

Nino Ricardo Meireles

Professor, consultor, Especialista em Gestão de Riscos Corporativos e Autor de vários livros na área de segurança empresarial.

sumário



Serviços de Consultoria **Laudo Técnico - Segurança Bancária**

Seu banco possui Laudos Técnicos para ajudar em ARGUMENTAÇÕES JURIDICAS??

Os Laudos Técnicos são peças processuais, elaboradas por especialistas, visando amparar as justificativas e argumentações no variado processo.

O benefício principal do Laudo é a credibilidade e experiência dos especialistas.

Tipos de Laudos Técnicos

- Blindagem
- Sistemas eletrônicos
- Procedimento
- Equipamentos
- Contexto estratégico e modes operandi

Consulte a Brasiliano, empresa que já possui EXPERIÊNCIA!!



informações | 11 5531-6171
| www.brasiliano.com.br
| info@brasiliano.com.br

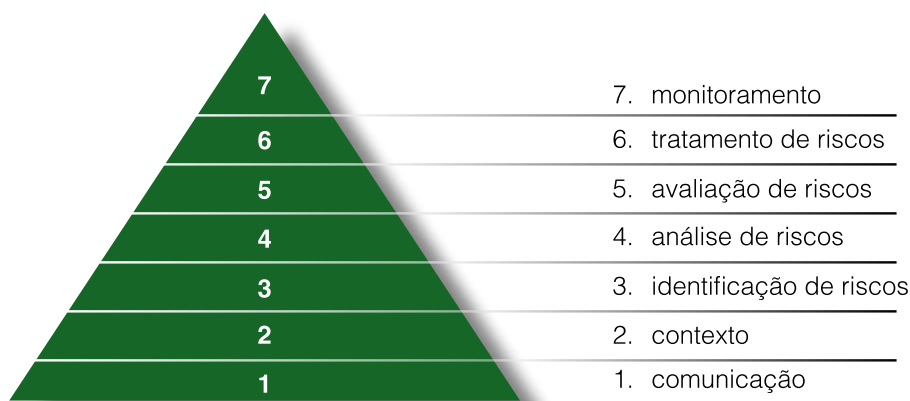


Serviços de Consultoria **Plano de Gestão de Riscos Corporativos - PGRC**

Sua empresa conhece o TAMANHO de seus riscos??

Um PGRC é um processo estruturado para que a empresa possa identificar eventos que expõem os objetivos da organização.

O processo de Gestão de Riscos, hoje é estruturado com base na futura ISO 31000.



**A Brasileiro pode ajudar você a elaborar seu plano de PGRC
Consulte – nos!!!!**

informações | 11 5531-6171
| www.brasiliano.com.br
| info@brasiliano.com.br





Desenvolvimento sustentável: Deixe viver para sobreviver

Mariana Fernandez

Desenvolvimento sustentável é o lema deste milênio e de todos os que desejam que o mundo não entre em crises de escassez, como já vem ocorrendo. Mas como conciliar o desenvolvimento econômico com a preservação ambiental e, ainda, ao fim da pobreza no mundo e ao mesmo tempo, manter a corporação progredindo e longe dos riscos da não-adesão?

Uma empresa é um conjunto organizado de meios com vista a exercer uma atividade particular, pública, ou de economia mista, que produz e oferece bens e/ou serviços, com o objetivo de atender a alguma necessidade humana.

Quando a vida das pessoas está ameaçada, a instituição empresa, também está. Portanto, deve-se apagar, jogar fora a antiga visão do progresso a qualquer custo que permeou os dois últimos séculos na era industrial. Neste momento da história da humanidade, a consciência do equilíbrio ecológico necessário para a sobrevivência tanto das pessoas quanto de suas instituições deve substituir a idéia de exploração.

Como é possível uma árvore sustentar-se sem o solo?

Como é possível manter-se em pé sem as próprias pernas?

Como é possível que sua empresa cresça, ou antes, se mantenha, ou antes ainda, exista, sem pessoas?

Não somente as ONGs dedicadas à causa ambiental, mas também, e sobretudo, os principais atores sociais que são governos, pessoas e empresas, devem viver extraindo da natureza somente o necessário para a sobrevivência, repondo, na medida do possível, o que retirarem e fomentando ações de reparação para as necessidades emergenciais.

Não há progresso sem desenvolvimento mas não há futuro sem sustentabilidade

A poluição ambiental, o esgotamento dos recursos renováveis, o aquecimento global e a pobreza estão sendo focos de discussões mundiais entre os congressos para se tomar medidas cabíveis afim de direcionar o desenvolvimento sustentável.

Segundo o site da WWF Brasil (World Wide Fund for Nature, traduzindo “Fundo Mundial para a Natureza”), “a definição mais aceita para desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações. É o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro.”

Tal definição foi proclamada na Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, criada pelas Nações Unidas para discutir e propor meios de harmonizar dois objetivos: o desenvolvimento econômico e a conservação ambiental.

Por que deve-se buscar o desenvolvimento sustentável?

Empresas podem ser consideradas uma das principais responsáveis pelos problemas ambientais, sendo que, para essas o conceito sustentabilidade estava, estritamente relacionado com a perenidade de um negócio.

Atualmente, a duração de uma empresa depende de vários fatores que vão muito

além do lucro. Pois, é necessário ter lucro, mas sem prejudicar o que está ao redor. Adequar as atividades da empresa ao conceito de desenvolvimento sustentável é uma questão de sobrevivência e de competitividade.

Desenvolvimento sustentável não só se refere ao ambiente, mas por via do fortalecimento de parcerias duráveis, promove a imagem da empresa como um todo e por fim leva ao crescimento orientado. Uma postura sustentável é por natureza preventiva e possibilita a prevenção de riscos futuros, como impactos ambientais ou processos judiciais.

Quanto mais a organização se negar a agir de forma sustentável e continuar poluindo o meio ambiente, maiores serão os desperdícios, os riscos de multas e reivindicações da comunidade. Portanto, a empresa moderna está cada vez mais atenta a essas questões e a gestão ambiental será parte integrante do seu negócio. A implantação de um Sistema de Gestão Ambiental deve ser uma das prioridades estratégicas de qualquer organização que queira garantir sua competitividade e sobrevivência no mundo globalizado.

O que é preciso fazer para alcançar o desenvolvimento sustentável?

O desenvolvimento sustentável depende de planejamento e do reconhecimento de que os recursos naturais são finitos para ser alcançado. Tal concepção representa uma nova forma de desenvolvimento econômico, que leva em conta o meio ambiente.

O desenvolvimento é, ainda, muitas vezes confundido com crescimento econômico, que depende do consumo crescente de energia e recursos naturais. O desenvolvimento concebido dessa maneira tende a ser insustentável, pois leva ao esgotamento dos recursos naturais dos quais a humanidade depende.

Uma postura sustentável é por natureza preventiva e possibilita a prevenção de riscos futuros, como impactos ambientais ou processos judiciais.

Muitas atividades econômicas são incentivadas nos países pela oferta da exploração ilimitada dos recursos naturais, dos quais depende não só a existência humana e a diversidade biológica, como o próprio crescimento econômico.

Qualidade em vez de quantidade, com a redução do uso de matérias-primas e produtos e o aumento da reutilização e da reciclagem é o que prega o desenvolvimento sustentável.

Os modelos de desenvolvimento dos países industrializados devem ser seguidos?

Caso as sociedades do hemisfério sul copiassem os padrões das sociedades do norte, a quantidade de combustíveis fósseis consumida atualmente aumentaria 10 vezes e a de recursos minerais, 200 vezes.

Portanto, o caminho a seguir pelos países pobres não pode ser o mesmo adotado pelos países industrializados, porque mesmo que o desenvolvimento econômico seja-lhes vital, isso não seria possível.

Ao invés de ser seguido, o mau exemplo deve ser combatido. É preciso reduzir os níveis observados nos países industrializados em vez de aumentar os níveis de consumo dos países em desenvolvimento.

Os crescimentos econômico e populacional das últimas décadas têm sido marcados por desigualdes. Embora os países do Hemisfério Norte possuam apenas um quinto da população do planeta, eles detêm quatro quintos dos rendimentos mundiais e consomem 70% da energia, 75% dos metais e 85% da produção de madeira mundial.

Como aderir de forma correta?

Uma forma para as organizações estruturarem as atividades, voltadas para o meio ambiente, é se adequando ao International Organization for Standardization (ISO).

A ISO 14.001 é uma norma de adesão voluntária, que contém os requisitos para

a implantação do SGA (Sistema de Gestão Ambiental), podendo ser aplicada a qualquer tipo ou tamanho de organização. O sistema de gestão ambiental busca prover às organizações formas de gerenciar todos os seus aspectos e impactos ambientais mais significativos. Partem, inicialmente, da identificação e priorização destes aspectos e impactos, para que se consiga, um sistema que busca a melhoria contínua, baseado no controle destes impactos.

É unanimidade entre os especialistas no assunto que, quando uma organização opta pela Implantação da Norma ISO 14001, abre novos caminhos no mercado internacional, proporciona vantagem competitiva e introduz sensível redução de custos na operação, além de incrementar a receita com subprodutos dos processos.

Será por meio da aplicação da Contabilidade de Gestão Ambiental, que se conseguirá potenciar grandes poupanças de custos na gestão de resíduos, dado que os custos de manuseamento e de deposição de resíduos são relativamente fáceis de definir e de imputar a produtos específicos.

Outros custos ambientais, incluindo os custos da conformidade ambiental, custos legais, deterioração da imagem da empresa, e riscos e responsabilidade ambiental, são mais difíceis de avaliar. A Contabilidade de Gestão Ambiental abrange não somente a informação ambiental e do custo, mas também informação para a maioria de tipos de atividade ou de tomada de decisão da gerência.

A Contabilidade de Gestão Ambiental é “uma abordagem combinada que facilita a transição de informação da contabilidade financeira e da contabilidade de custos para aumentar a eficiência de materiais, reduzir o impacto e o risco e reduzir os custos de salvaguarda ambiental”, segundo texto produzido pela Divisão para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas.

Desenvolvimento Sustentável no Brasil

Segundo Fernando Almeida, presidente do Conselho Empresarial Brasileiro de Desenvolvimento Sustentável, “desenvolvimento sustentável ainda não existe no Brasil”, em entrevista a Diogo Dantas para O Dia Online em 5 junho de 2008.

Para ele, “O Ministério do Meio Ambiente já é algo atrasado. No setor empresarial o assunto é tão estratégico que está na presidência. Se ficar apenas na questão ambiental vai virar filósofo.” E completa que “ou nós nos preparamos para mudar o padrão de desenvolvimento ou isso vai ser mudado pela via da catástrofe.”

Quanto ao setor empresarial, Almeida elogia, dizendo que está atento ao alto poder de mudança e exemplifica com o setor de bancos, que “era muito refratário e agora já está em índices de sustentabilidade” ao desaprovarem projetos irregulares.

Encontros para a sustentabilidade

Durante o 6º Encontro Cultivando Água Boa, no último dia 18 de novembro, em Foz do Iguaçu, ocorreu o 7º Encontro Ibero-americano de Desenvolvimento Sustentável (Eima7) que contou com a participação de 26 países.

Segundo o secretário do Meio Ambiente e Recursos Hídricos, Rasca Rodrigues, organizador do encontro, o evento serviu para entre outros fatores, trocar experiências na área do desenvolvimento sustentável.

De acordo com o secretário, os participantes estão interessados nas iniciativas brasileiras, como algumas desenvolvidas no Paraná. Na apresentação, o secretário falou do Programa Mata Ciliar, que chegou à marca de 100 milhões de mudas plantadas e da mobilização nacional para salvar a floresta com araucária. Com as ações de fiscalização realizadas em conjunto com o governo federal, o Paraná apresenta redução de 41% no desmatamento.

Para o diretor-geral da Itaipu Binacional, Jorge Samek, a principal alternativa para alcançar o desenvolvimento dos países sem prejudicar o meio ambiente é investir em energias renováveis. Ele explicou que o Brasil tem uma matriz energética bastante limpa, mas explora apenas 30% de seu potencial hidráulico.

Gonzalo Echagüe Méndez de Vigo, presidente da Fundação Conama (Conselho Nacional de Meio Ambiente, da Espanha), disse que o Brasil é privilegiado por não ter sido atingido de forma tão intensa pela crise econômica internacional. “E quanto à crise ambiental, essa serve de aviso para qualquer país mudar suas práticas nas ações voltadas para o desenvolvimento.”

Pecuária Verde

O maior desafio de se ter uma pecuária verde no Brasil, está na aplicação de novas práticas e técnicas que substituirão os desmatamentos e queimadas. Considerado pelos ambientalistas como o vilão do meio ambiente, o setor precisa mudar se quiser atender a demanda crescente.

Em entrevista à Bruno Rios da PortoGente, o deputado estadual no Rio de Janeiro desde 1991 pelo PMDB, presidente da Assembleia Legislativa (Alerj) e chefe do Grupo Monte Verde há 25 anos, Jorge Picciani mostra que o caminho é árduo.

Com potencial para movimentar mais que os US\$ 5 bilhões gerados em 2008, o Brasil precisa superar logo esse desafio, onde “não basta mais o boi ser verde, mas a pecuária como um todo”.

Com o maior rebanho de gado bovino do mundo, o Brasil, é também, o maior exportador mundial de carne bovina. A conquista econômica se deve ao baixo custo da produção e à saúde do gado nacional se comparado ao gado confinado.

Na entrevista, o deputado atentou para a tendência de crescimento do mercado externo, gerada pelo aumento de poder aquisitivo de populações na China, Rússia e Brasil inclusive, e ressaltou: “queremos é a vantagem de consumir uma carne ecologicamente correta”.

Para conquistar uma pecuária verde, o primeiro passo, segundo Picciani, é o cuidado adequado dos pastos, o qual fará o País cortar a emissão de gases poluentes na atividade e se dará através da adoção do sistema de pastoreio Voisin.

O deputado diz que o mercado consumidor da Europa e dos Estados Unidos hoje quer saber se a carne exposta no supermercado foi importada de áreas desmatadas ilegalmente, se foram respeitadas as leis trabalhistas e se os direitos dos animais foram observados, motivos mais que suficientes para a pecuária brasileira mudar. “Sua forma de produção convencional não é sustentável”.

O pecuarista completa dizendo que o sistema permite alcançar a sustentabilidade nos pastos “sem um alto custo”, já que trata-se de dividir um pasto em pequenos espaços, onde os bois permanecem 24 horas em casa espaço, em constante rotação. “Enquanto os bois ficam numa área, o capim cresce livre nas outras. Isso parece pouco, mas muda bastante o processo de engorda, aumentando a quantidade e a qualidade da produção de carne e leite. E os benefícios ambientais são muitos”.



Grandes ações atuais

No último mês de setembro, presidentes e CEOs de 400 empresas globais pediram à ONU acordo climático “robusto”, numa declaração internacional que será entregue na terça ao secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-Moon, em Nova York.

A carta, assinada pelos executivos que lideram pesos-pesados como Alcoa, Adidas, Santander, Air France, Deutsche Telekom, Shell ou Sun Microsystems, só para citar alguns nomes, lista posições consensuais do empresariado no debate sobre o acordo climático a ser firmado em Copenhague, em dezembro.

Natura, O Boticário, Vale, Grupo Orsa, Copagás e Energias do Brasil, são algumas das empresas nacionais participantes.

O texto aborda com mais veemência temas consensuais no setor privado, não pontuando temas de conflito no debate sobre o aquecimento. Recomenda aos países desenvolvidos assumirem “imediatamente compromissos de redução” e sugere que demonstrem que “o crescimento baseado em baixo carbono é possível e desejável.” Os países em desenvolvimento, por sua vez, devem desenhar seus planos de redução de emissões de acordo com suas capacidades e responsabilidades.

Os líderes pedem um “acordo mundial robusto e equitativo” em Copenhague e que garanta que o aumento de temperatura não ultrapasse os 2 C em 2100.

Entrevistados pelo jornal Valor Econômico no último 18 de setembro, alguns envolvidos brasileiros deram suas declarações.

De acordo com Juarez Ferraz de Campos, coordenador do Programa de Sustentabilidade Global do Centro de Estudos em Sustentabilidade da Fundação Getúlio Vargas Ces/FGV, o braço brasileiro desta empreitada, “Não há contraindicação no que está no comunicado”, já que “tudo ali faz sentido.”

Já José Augusto Fernandes, diretor-executivo da Confederação Nacional da Indústria

(CNI), que trabalha há meses em um documento doméstico similar, levanta que “o que existe neste debate é uma agenda de oportunidades e outra de risco”. Segundo ele, na de riscos, são raros os nomes dentro da indústria brasileira que aceitam que se negociem reduções de emissões setoriais na conferência do clima de Copenhague, a CoP-15. E pontuou: “Não dá para entrar numa negociação internacional que limite o potencial da economia brasileira.”

Para quem se interessar em debater o desenvolvimento sustentável, um tema tão cheio de conflitos e riscos, o site www.developimentosustentavel.com.br convida a discutir o tema.

Mariana Fernandez
Editora

sumário



Serviços de Consultoria

Plano de Continuidade de Negócios - PCN

Sua empresa está preparada para um evento de DESCONTINUIDADE??

A operacionalização de um PCN é um processo estruturado para:

- Melhorar proativamente a resiliência da empresa contra possíveis descontinuidade;
- Restabelecer a capacidade de fornecimento de produtos e serviços;
- Proteger marca e reputação

O PCN possui normatizações e regulações, com base nas melhores práticas internacionais.

No Brasil, através da ABNT, tem as normas ABNT NBR 15999 - 1 e 2, que descrevem o processo, estrutura e conteúdo de um sistema de Gestão de Continuidade de Negócio.

Capacite sua empresa para resistir aos efeitos de um incidente!!!!

Consulte – nos!!!!

informações | 11 5531-6171
| www.brasiliano.com.br
| info@brasiliano.com.br



ACONTECE

na *Brasiliano*

Mariana Fernandez

PRESENÇA NO COMITÊ DA ISO

A Brasiliano & Associados marcou presença no CEE-63 - Comissão de Estudo Especial de Gestão de Riscos da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) no Projeto 63:000.01-001, que traduziu a norma ISO 31000:2009 para o português e adaptou outros fatores criando a norma brasileira de gestão de riscos NBR ISO 31000.

Antonio Celso Ribeiro Brasiliano foi o único profissional especializado na área de segurança presente na comissão.

Doutor em Science et Ingénierie de L'Information et de L'Intelligence Stratégique (Ciência e Engenharia da Informação e Inteligência Estratégica) pela UNIVERSITÉ EAST PARIS - MARNE LA VALLÉE – Paris – França; Master Degree - Diplome D'Études Approfondies (DEA) en Information Scientifique et Technique Veille Technologique (Inteligência Competitiva) pela UNIVERSITE TOULON – Toulon – França. Especializado em Inteligência, Segurança Empresarial, Planejamento Empresarial, além de ser certificado como Especialista em Segurança Empresarial – CES pela Associação Brasileira de Segurança Orgânica – ABSO e autor de vários livros.

Com o know-how misto em segurança e riscos, o especialista adaptou seus projetos de segurança em vigência seguindo o framework da nova norma.

“A Brasiliano & Associados adaptou seus processos de consultoria alinhando-os com a 31000, elaborando critérios personalizados para seus clientes”, explicou Brasiliano..

CAFÉ COM GESTÃO DE RISCOS



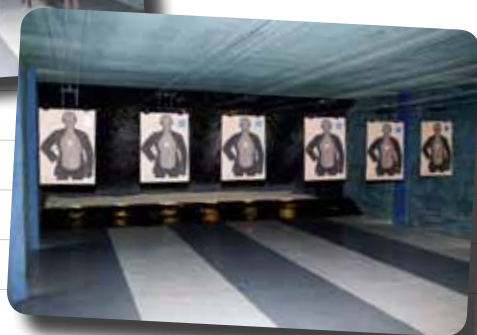
O “Café da Manhã com o Presidente” teve gosto de Gestão de Riscos no último dia 5 de dezembro. O evento, que acontece de três a quatro vezes por ano e se inicia com um café da manhã entre o Sr. Washington, Presidente da Gocil e seus convidados, foi participado por Antonio Celso Ribeiro Brasileiro através da palestra ISO 31000 – O Papel da Segurança.

Cerca de 60 pessoas prestigiaram o evento no auditório da empresa que está há mais de 25 anos atuando no mercado de segurança patrimonial e serviços gerais.

Durante as 4h de duração, o evento contou também com um *shooting* para os convidados, no qual o convidado pode atirar com arma de fogo no stand de tiro da Gocil, acompanhado por instrutores.



Segundo Margarida Medrano, da área comercial da Gocil, todos os presentes elogiaram a palestra e gostaram muito do tema abordado. Para ela, “as palestras são importantes para acrescentar informações ligadas a área de segurança” aos convidados.



ENQUETES DE 2009

Ao longo do ano, o Blog da Brasileiro criou várias enquetes que tiveram uma grande participação dos internautas. Através do [histórico de enquetes](#) disponível online, os visitantes podem ter uma visão da opinião dos eleitores espontâneos sobre diversos assuntos envolvendo a Gestão de Riscos Corporativos.

Analisando os resultados obtidos verificamos as preferências dos visitantes do Blog e nos empenhamos em atendê-los prontamente.

Nesta edição da Gestão de Riscos, através dos artigos *Plano de Segurança em Conformidade com a ISO 3100*, *Lançamentos de normas: NBR ISO 31000 e ISO Guia 73*, *Comunicação contra a Crise*, *Apagão 2009: as contingências que faltaram* e *Gerenciando a Segurança Empresarial pelas Diretrizes* atendemos aos pedidos dos que votaram por artigos técnicos relacionados à Projeto de Segurança, Normas de Gestão de Risco, Gestão de Crises e Segurança Empresarial, respectivamente.

Nas próximas edições, tanto as opções que tiveram mais votos quanto as que tiveram menos votos, serão contempladas no atendimento aos desejos dos leitores por artigos técnicos de determinados temas.

Nossa área de Treinamento também se inspirou na escolha do usuário do Blog para criar a grade de cursos do segundo semestre do ano, priorizando os cursos mais votados, mas não deixando de oferecer todas as opções aos que escolheram a B&A para aperfeiçoarem-se no conhecimento da gestão dos riscos corporativos.

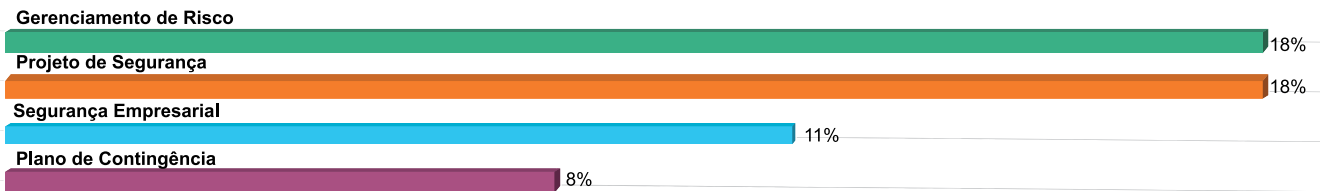
Outras conclusões puderam, igualmente, ser tiradas das enquetes do Blog da B&A, como:

- Com 75% dos votos, o Método Brasileiro foi selecionado como melhor ferramenta de análise de riscos;
- Os serviços de Mapeamento de Risco e de Auditoria de Risco Operacional foram eleitos como mais prováveis de contratação pelos gestores de risco que votaram;
- Foram considerados mais interessantes os métodos de ensino à distância, sobrepondo-se ao tradicional ensino presencial;
- 65% dos visitantes do Blog B&A estão à procura de informações sobre cursos;
- A Gestão de Riscos ainda não possui o investimento devido nas empresas da maioria dos participantes da enquete respectiva.

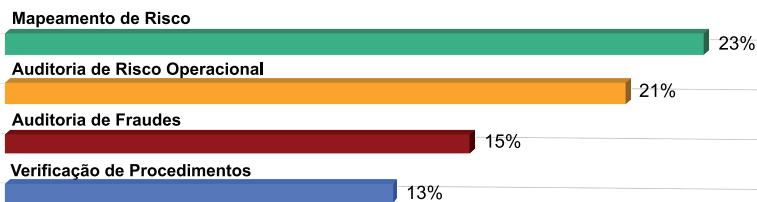
Há uma enquete aberta para votação neste momento no [Blog da B&A](#), expresse sua opinião, participe!

Os campeões das enquetes!!

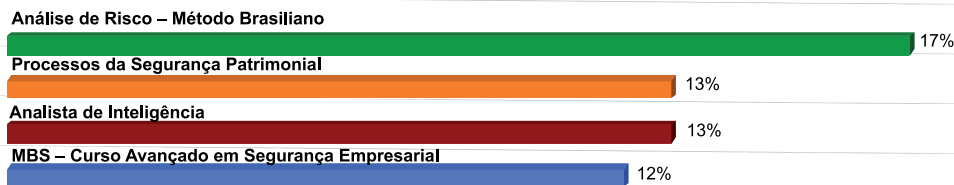
Você gostaria de ler artigos técnicos sobre ...



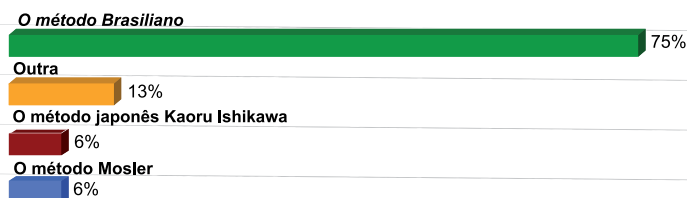
Que tipo de serviço de auditoria de risco você contrataria para sua empresa?



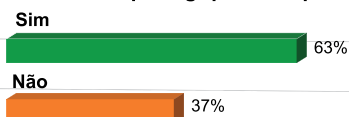
Que curso da Brasileiro & Associados você gostaria de fazer no 2o. semestre de 2009



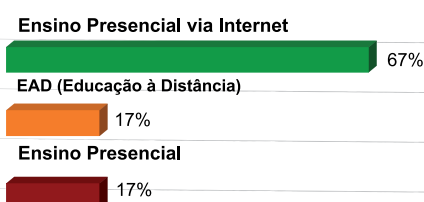
Em sua opinião, qual é a melhor ferramenta de análise de riscos?



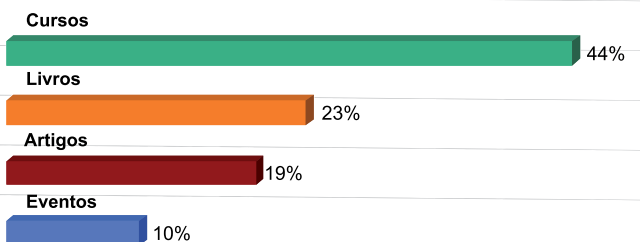
Você acha que a gripe suína pode afetar a economia brasileira?



Que tipo de ensino você acha mais interessante?



O que você procura no Blog da Brasileiro & Associados?





Cloud Computing e Aspectos Legais

Dr. Renato M. e Dra. Camilla do Vale Jimene

O *cloud computing*, termo também conhecido como “computação em nuvem”, vem ganhando espaço entre os profissionais da área de Tecnologia da Informação e até mesmo para os usuários comuns, tamanha é a revolução que pode proporcionar no nosso cotidiano.

Sinteticamente, o *cloud computing* é um modelo de tecnologia baseado no processamento e armazenamento de dados remotamente, acessíveis via Internet, com a virtualização dos servidores.

Muitos já são os questionamentos jurídicos sobre a computação em nuvem, mas o ponto nuclear da discussão é a legislação aplicável. Isto porque as empresas prestadoras deste tipo de serviço podem instalar seus *datacenters* em diferentes países, com os serviços acessíveis aos consumidores em qualquer local do mundo, desde que o usuário esteja conectado à Internet – assim, qual seria a legislação cabível?

Para contextualizar esta preocupação, vale citar a notícia que circulou recentemente sobre a patente obtida pelo Google, que teria desenvolvido técnicas para a construção de um *datacenter* flutuante, instalado sobre um navio, com a utilização dos movimentos das ondas do mar para gerar eletricidade e manter a plataforma auto-sustentável (<http://info.abril.com.br/corporate/noticias/google-obtem-patente-de-datacenter-flutuante-04052009-0.shtml>). Nesse caso,

qual seria a legislação aplicável, vez que estamos tratando de dados armazenados no meio do oceano?

Como o direito não consegue caminhar na mesma velocidade da tecnologia, é necessário buscar na legislação já existente premissas que podem ser empregadas nesses novos e complexos modelos de negócio.

A Lei de Introdução ao Código Civil, definiu como regra na legislação brasileira, quanto à lei aplicável aos contratos internacionais, a *lex loci contractus*, ou seja, a lei do local de constituição do contrato, aplicando-se a legislação do país em que se constituiu.

Atualmente, esta regra é parâmetro bastante criticado pelos doutrinadores do Direito Internacional, que defendem a liberdade de escolha da legislação aplicável, formalizada através de cláusula contratual que defina a legislação aplicável e o foro competente.

Fato é que num mundo amplamente interconectado, as fronteiras físicas deixam de existir, gerando outra dúvida: qual é o local de constituição de um contrato celebrado na grande rede mundial de computadores?

Outro parâmetro adotado pela legislação brasileira é a regra *lex loci executionis*, que consiste na aplicação da lei do local da execução do contrato. Assim, quando a obrigação estipulada no contrato for executada no Brasil, a justiça brasileira será a competente para julgar o processo.

Inclusive, o Superior Tribunal de Justiça já entendeu que, mesmo que o contrato determine claramente que o foro seja no estrangeiro, os contratos executados no território brasileiro não podem ignorar a legislação de nosso país, rejeitando o recurso de empresa inglesa que pleiteava a

declaração de incompetência do foro brasileiro (RESP n.º 804.306-SP, Rel. Min. Nancy Andrigui).

O mesmo Tribunal também já proferiu decisão em face de provedor de serviços de Internet que envolvia questão conexa, mas dessa vez consolidando a teoria da aparência do Código de Defesa do Consumidor, baseado no entendimento de que a empresa deve não apenas se beneficiar dos bônus de sua atividade, mas também arcar com os ônus (RESP n.º 1.021.987, Rel. Min. Fernando Gonçalves). Nesse sentido, vale destacar trecho da decisão do Des. Cetano Lagrasta, do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, que esclareceu muito bem esta questão: "(...) Deve-se ressaltar que a empresa que pretende trazer para o Brasil serviço estruturado de novas tecnologias e com alcance que possui a Internet deve se preocupar em garantir a segurança de referido sistema, não podendo alegar um Bill de indenidade, driblando suas responsabilidades no escudo de empresa internacionais. (...) Nesse sentido não pode imputar ao consumidor o ônus de buscar, no estrangeiro, e em legislação alienígena, as garantias para a proteção dos seus direitos, devendo a empresa responsável pelo serviço no Brasil, assumir total responsabilidade. (...)” (AI n.º 521.566.-4/6)

Certo é que as novas tecnologias geram polêmica até o seu completo amadurecimento, especialmente sob o aspecto jurídico, restando aos Tribunais de cada país interpretar a legislação conforme o caso concreto e de olho nesta realidade.

Renato Opice Blum:

Advogado e economista. Coordenador do curso de MBA em Direito Eletrônico da Escola Paulista de Direito.

Dra. Camilla do Vale Jimene

Advogada associada à Opice Blum Advogados e Professora de Direito Eletrônico em diversas instituições.

sumário



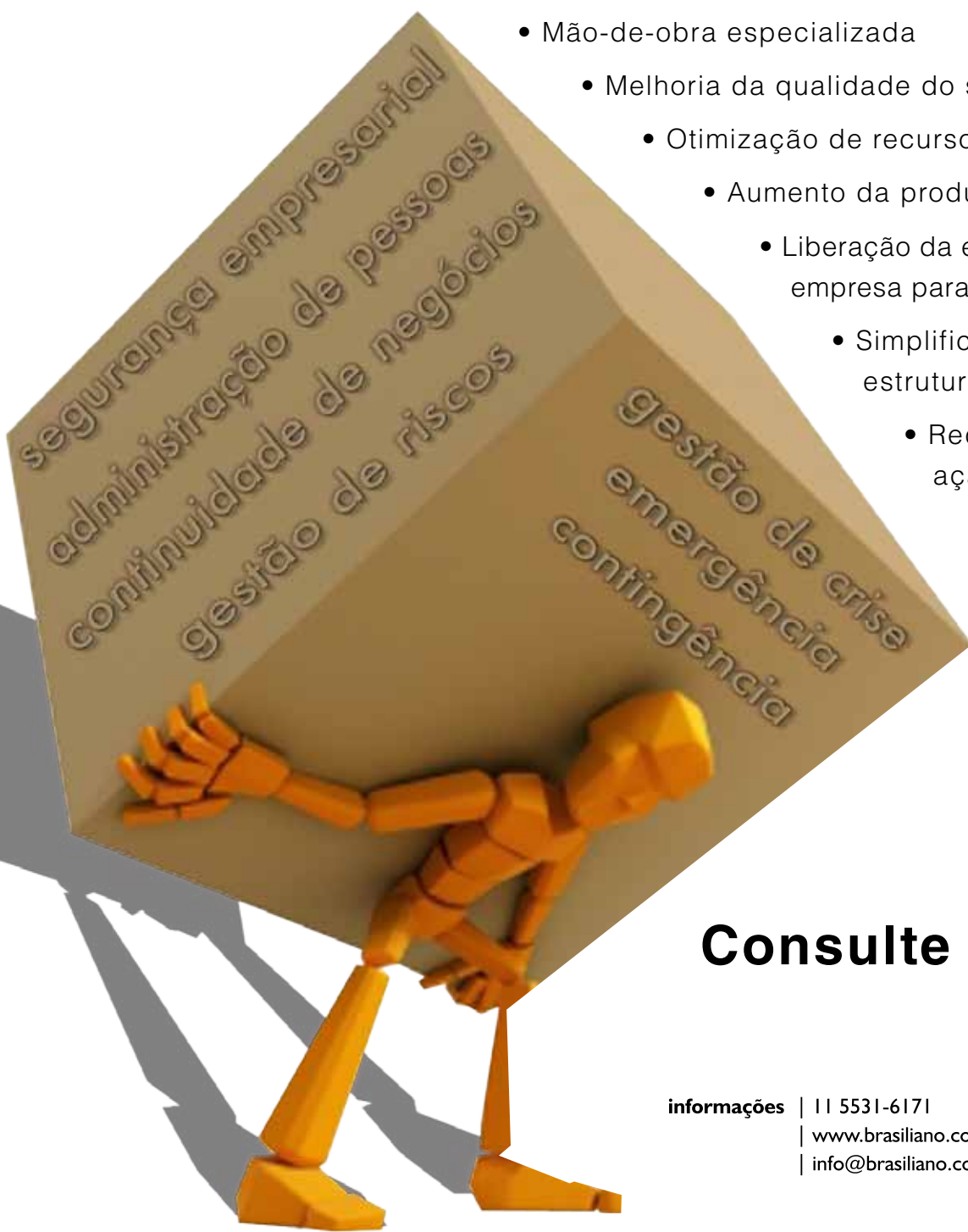
Serviços de Outsourcing

**Tire o peso de suas costas !
Deixe para quem é ESPECIALISTA!!**

Outsourcing é a terceirização do processo de gestão de riscos e da segurança empresarial. O escopo inclui o planejamento, a implantação e a administração de todos os serviços e processos terceirizados.

VANTAGENS DO OUTSOURCING:

- Mão-de-obra especializada
- Melhoria da qualidade do serviço
- Otimização de recursos
- Aumento da produtividade
- Liberação da estrutura da empresa para sua atividade fim
- Simplificação da estrutura interna
- Redução de ação trabalhista
- Agiliza decisões e ações



Consulte – nos!!!

informações | 11 5531-6171
| www.brasiliano.com.br
| info@brasiliano.com.br



Retrospectiva de Cursos 2009

Mariana Fernandez

TREINAR PRA QUÊ?

A falta de preparo dentro de uma empresa pode provocar sérios prejuízos.

Ouvimos diariamente notícias voltadas à falta de treinamento e habilidade da polícia militar, por exemplo, e isso faz a população parar para analisar o que de fato está acontecendo no país.

A falta de preparo e de treinamento em nosso cotidiano pode acarretar uma série de problemas. Em uma empresa, por exemplo, se um profissional inicia seu trabalho sem passar por um treinamento pode prejudicar a equipe que já está engajada e atrapalhar no resultado final.

De acordo com o Prof. Álvaro Takei, Diretor do Ensino Digital da Brasileiro, “aqueles que procuram efetivo crescimento profissional precisam investir tempo e recursos em busca do que planejaram conquistar, lembrando que ao definirem seus objetivos não podem deixar de considerar a realidade do mercado de trabalho, hoje revestido de muita competitividade, o que exige alguns requisitos, em especial, ser um agente de mudanças e constante aprimoramento, por meio de educação continuada.”

O professor ressalta que é importante ter a consciência “de que a responsabilidade pela carreira é pessoal, o que significa que esperar que a empresa ou terceiros venham a conduzir o desenvolvimento profissional pode significar estagnação o que, no mundo em que vivemos traduz-se em retroceder.”

O aumento da competitividade aliado ao contínuo avanço da tecnologia, faz com que as empresas passem a se preocupar com o frequente aperfeiçoamento de seus colaboradores.

O treinamento não pode ser visto como custo, pois na realidade ele é um investimento que dá excelente retorno quando bem feito e voltado para as pessoas corretas. Todas as empresas de sucesso continuam investindo na preparação de seus colaboradores, pois este é; reconhecidamente, um grande diferencial de competitividade.

O investimento tem a finalidade de preparar as pessoas para que sejam realmente capazes naquilo que precisam executar, alinhando as competências que os cargos exigem com a capacidade individual e age, por meio da educação continuada, como um provedor de crescimento na organização.

POR QUE TREINAR NA BRASILIANO?

Uma característica unânime de todos os cursos da B&A é a promoção de uma visão holística da empresa, seus processos e riscos, o que eleva o profissional a uma concepção estratégica do negócio, não mais limitada na operacionalidade.

Entendendo como funciona a corporação de uma maneira mais profunda e completa, o profissional pode antecipar os riscos que envolvem a empresa e com isso prever as principais medidas que devem ser implantadas; tanto as ações preventivas, do dia-a-dia, quanto as ações reativas que devem ser tomadas em caso de situações diferenciadas.

De acordo com a Diretora de Treinamento da Brasiliano, Enza Cirelli, os cursos da B&A possuem muitas vantagens em relação à concorrência. Segundo ela, a Divisão de Treinamento transpassa a “vivência e experiência de 20 anos em diversos ramos de atividade dos projetos a Brasiliano realizou nas as empresas”. Além disso, a B&A proporciona atividades que possibilitam a troca de experiências, como nas ocasiões de seminários e palestras.

Os professores e coordenadores dos cursos fazem “especializações constantes no Brasil, Europa e Estados Unidos” e também aprimoram-se através de “estudos constantes através de livros e áreas que agregam valor com negócio das empresas e do acompanhamento de pesquisas em nível mundial no que tange a Gestão de Risco”.

No treinamento da B&A o participante constrói uma visão clara sobre o tema Gerenciamento do Risco, sobre o que existe de concreto e sobre o que é utilizado de fato no mercado mundial. Após o treinamento os participantes podem responder perguntas como:

- Existe um método eficaz para o Gerenciamento de Risco?
- Qual a melhor maneira de promover o Gerenciamento do Risco nas organizações?
- Como os aspectos psicológicos influenciam na abordagem de cada processo que faz parte do Gerenciamento do Risco?
- Que ferramentas podem de fato auxiliar no processo de identificação, análise e resposta aos riscos?
- Que ferramentas de grandes players estão disponíveis para a Gestão do Risco?

Além disso, o participante pode adquirir as seguintes capacidades:

- Entender, discutir e criar estratégias de Gerenciamento do Risco de qualquer porte;
- Utilizar as principais ferramentas e softwares para identificar e analisar riscos (qualitativa e quantitativamente);
- Criar planos de resposta e contingência;
- Controlar e monitorar riscos de forma eficiente;
- Decidir sobre a utilização de estatística na análise de riscos;
- Criar e amadurecer uma metodologia de Gestão do Risco na organização.

“A Divisão de Treinamento transpassa a vivência e experiência de 20 anos em diversos ramos de atividade dos projetos que a Brasiliano realizou nas empresas”.

EM 2010, O TREINAMENTO DA B&A TRARÁ MUITAS NOVIDADES.

“Vamos implementar como fonte de consulta, nossos cursos gravados à disposição para compra via internet, no site da Sicurezza Editora. Com um custo reduzido na difusão do conhecimento da área, estaremos atingindo o nível de supervisão e a quem interessar ampliar suas visões para um nível estratégico das áreas de gestão de risco e segurança empresarial”. Explica Enza Cirelli.

No segmento editorial, a B&A está lançando a Coleção Gestão de Riscos, com livros inéditos e especializados “para apoiar os alunos em diversas disciplinas”, completa a diretora.

Neste ano, haverá também a implementação dos cursos em Lisboa em convênio com o Grupo Pedagogo-Sociedade de Empreendimentos Pedagógicos, onde os cursos serão realizados.

Segundo a Divisão de Treinamento da Brasileiro, ao fazerem cursos com a empresa, pelo menos 60% dos alunos procuram a B&A novamente, isso por obterem resultados satisfatórios tanto pessoais como profissionais.

A Divisão de Treinamento também explica que a maior parte dos elogios dos alunos em relação aos cursos, são em relação aos conteúdos e a maneira como são lecionados. Além do conceito, a Brasileiro apresenta técnicas e exercícios dinâmicos que são absorvidos pelos alunos para a implementação de imediato, proporcionando melhorias nos processos das organizações em que atuam.

TREINAMENTO B&A 2009

De acordo com Enza Cirelli, Diretora de Treinamento da Brasileiro & Associados, “a demanda por cursos nas áreas de segurança empresarial e gestão de risco “vem aumentando nos últimos 5 anos, devido a



competitividade e a preocupação das empresas com riscos operacionais”, já que “hoje... as empresas estão muito mais sensíveis com a segurança do negócio, prevenindo perdas e fraudes empresariais.”, completa Enza.

Em 2009, a B&A inovou seu treinamento, revolucionando na ofertas de cursos das áreas de gestão de risco e segurança empresarial através do ensino a distância. A implementação do método EAD, segundo Enza, proporcionou “redução de custo, flexibilidade e agilidade aos alunos fora do estado de São Paulo”. Segundo a diretora, “praticamente todos estados participaram dos cursos em 2009”.

Para a Diretora de Treinamento, os alunos foram “gestores, coordenadores, analistas e auditores das áreas de segurança empresarial, departamentos de fraudes, auditoria, compliance, controles internos, entre outras”. Segundo ela, tais profissionais especializam-se “buscando melhorias nos departamentos mencionados”, “visando

melhorar o processo de trabalho em suas atividades”, ou “frequentam os cursos desejando alcançar novos objetivos internos ou novas oportunidades.”

No ano que passou, o público maior foi de São Paulo, mas outros estados como Rio de Janeiro e Curitiba também participaram com um grande número de alunos nos cursos presenciais. Recife, Fortaleza, Porto Alegre, Manaus, Espírito Santo, Goânia e Belo Horizonte participaram do treinamento digital da Brasileiro.

A faixa etária prevalescente dos alunos de 2009 foi a de 25 a 40 anos no geral, mas

houve exceções (pessoas de 20 a 25 ou 45 a 60). Segundo a Divisão de Treinamento da B&A, quanto ao gênero em sala, “a maioria são homens, mas as mulheres também marcaram presença na procura pela especialização.”

As classes de 2009 da B&A foram compostas de colaboradores de empresas como: Sul América, Petrobrás, Coca-Cola, Banco do Brasil, Itaú-Unibanco, Copel, Kimberly-Clark, Telefônica, Vivo, Tim, Johnson & Johnson, Nossa Caixa, Novartis, Cartões Bradesco, Tv Globo, Nestle, Protege, Gocil, Graber, CPTM, Odebrecht, Camargo Corrêa, Hospital Albert Einstein, Schincariol, entre outras.

O QUE DIZEM OS ALUNOS?

João Carlos da Silva, Coordenador de Segurança do Grupo Saint-Gobain, pós-graduado da 6ª turma do MBA de Gestão de Segurança.

Por que decidiu fazer curso?

Depois que eu terminei o curso da Brasileiro eu comecei um outro MBA de Logística Empresarial e Supply Change, eu percebi que há um risco no mercado, justamente nesta área de GR, Gerenciamento de Risco, e, eu estou fazendo o curso hoje para agregar valor, para ver se eu consigo passar a trabalhar diretamente nessa área.

Então você está pensando em mudar de área?

Não necessariamente, porque, veja bem, a GR também tem tudo a ver com segurança empresarial como um todo mas eu to pensando em ficar mais focado nessa ‘perna’, nessa outra vertente dentro da área de segurança empresarial.

Em que empresa trabalha?

Eu trabalho numa multinacional francesa chamada Saint-Gobain. Dona das marcas Brasilit, Quartzolit, Marinex, Durallex, Telhanorte, entre outras. Hoje 85% do mercado de vidro plano no Brasil é da Saint-Gobain (para construção civil, para a indústria automobilística).

Como está sendo o aproveitamento do curso?

Hoje, por exemplo, com o Prof. Reginaldo Catarino, teve muita coisa nova, principalmente relacionada à inteligência embarcada, tecnologia embarcada, soluções tecnológicas.





De que forma você pretende aplicar os conhecimentos técnicos na prática?

Hoje, na minha função dentro do grupo não teria muita coisa porque eu sou responsável por três fábricas onde tem toda uma parte de prevenção de perdas e política de segurança, mas gerenciamento de risco no transporte rodoviário nós ainda não fazemos. O que eu pretendo fazer é tentar pegar esse nicho de mercado porque eu acho que já é a grande moda ou vai virar uma grande moda, porque o gerenciamento de risco agrega muito valor. Por isso, vou tentar fazer consultoria ou tentar outras colocações no mercado. O que eu pretendo fazer é tentar pegar esse nicho de mercado porque eu acho que já é a grande moda ou vai virar uma grande moda, porque o gerenciamento de risco agrega muito valor. Por isso, vou tentar fazer consultoria ou tentar outras colocações no mercado. Eu acho que as grandes vantagens desses cursos primeiro é a atualização, depois é o próprio network que você cria. Assimilando tudo isso teremos uma visão bem estratégica, buscando melhorias e levando para alta direção da empresa, não seremos apenas um prestador de serviço. Precisamos fazer parte do DNA da própria empresa. Então, o objetivo é tentar fazer com que todos nós da área estejamos cada vez mais próximos dos tomadores de decisão, dos diretores, dos CEOs e por aí vai. Trazendo todo mundo pra esse novo patamar de negócios.

O que os outros cursos que você fez te auxiliaram na carreira e em conhecimento?

Ah! Ajudou muito em mudar a visão operacional para uma visão muito mais estratégica, primeiro. Também dá muito mais segurança em poder discutir na frente de um gerente, na frente de um diretor porque você não está discutindo 'achando que', você está baseado em conceitos já contestados e comprovadamente eficientes. Então isso dá uma certeza no debate muito grande, dá uma confiança profissional muito grande.

A metodologia que você aprendeu você acha fácil de ser aplicada ou não?

Eu acho. Eu acho que o Método Brasileiro é super tranquilo, super prático e super eficiente.

Fábio Santos, Encarregado de tráfego, responsável por seguro, rastreamento e toda parte de logística da Nagem Informática (eletro eletrônicos, cameras digitais, tv), aluno do curso de Gerenciamento de Riscos no Transporte de Cargas.

É a primeira vez que você está fazendo curso com a B&A, o que está achando?

O que eu acho de melhor na B&A é que ela vem se dedicando ao longo dos anos não apenas a essa classe de necessidade para o ramo do transporte, do embarcador, do seguro, do gerenciamento de risco mas pelo simples fato que ela não se importa em apenas repassar a informação, mas também em otimizá-la. Ela está querendo disponibilizar para o mercado algo que nunca foi visto. Como, por exemplo, a logística alguns anos atrás era apenas o operacional do fluxo de vendas de uma fábrica, hoje existe faculdade sobre logística, especialização em logística, MBA em logística. Então, o que acontece é que o gerenciamento de risco da Brasileiro está começando a otimizar, está oferecendo cursos de classes pequenas,

médias, online e presencial... está diversificando a necessidade do mercado em prol do engrandecimento do segmento. Está sendo tudo de bom! Por isso, eu pretendo num futuro bem próximo estar aqui novamente e quem sabe até fazer um curso de longa duração... a única coisa ruim é que a minha matriz é em Pernambuco mas quem sabe num futuro a gente não possa estar desenvolvendo um trabalho aqui na minha unidade em São Paulo que fica aqui no Ceagesp. Estar numa faculdade em São Paulo aprendendo e vivenciando tudo o que o gerenciamento de risco, o seguro e as tecnologias oferecem ao mercado e isso ser passado por uma pessoa altamente capacitada isso é o supra-sumo da situação, é muito indispensável. É isso que está acontecendo hoje. E poder testemunhar isso para que as pessoas possam ler, possam ver e possam dar credibilidade a essa funcionalidade é, sem sombra de dúvida, indiscutível.

Como você vai estar empregando os conceitos técnicos no dia-a-dia, na prática?

Os conceitos que nós adquirimos hoje serão uma implementação para otimizar o meu serviço. Diga-se de passagem nós tínhamos um bom conhecimento no segmento, mas hoje nós viemos adquirir a técnica que os profissionais de alto nível como o Sérgio e o Catarino podem nos proporcionar. A gente vai estar retificando as lacunas que ficaram em aberto já no nosso negócio. Com certeza eles nos passaram aquilo que é de melhor no gerenciamento de risco na parte de tecnologia, na parte da infra-estrutura logística. Então a gente aí preencher toda lacuna que ficou em aberto para a área de distribuição, para a área de risco e de mapeamento antes mesmo da coisa acontecer. A gente vai utilizar esse conhecimento na área de planejamento antes que a coisa aconteça. Para que o risco seja reduzido, nunca eliminado, porque na gestão de risco a gente não tem como prever como é que a coisa vai acontecer mas dá pra fazer uma perspectiva do que pode ser feito.

E daí reduzir o custo operacional?

Com certeza, é como eu estava dizendo, com a otimização desse serviço e a qualificação maior eu posso reduzir mão-de-obra, além da redução da otimização do serviço pela qualificação que eu vou dar aos profissionais. Eu vou ser um multiplicador, mas a nossa intenção é fazer com que o curso chegue a eles também.

E de que forma você acha que o curso e todos os seus conceitos vão te ajudar a prevenir as perdas e a diminuir os riscos antes mesmo do caminhão sair? Antes mesmo de correr esse risco e ter esse custo alto?

Como hoje, o direcionamento da gestão logística para o gerenciamento de risco é dada para um setor em específico, os conceitos que nós adquirimos eu vou poder repassar para o nosso departamento de vendas, de transporte, de distribuição onde a gente vai nivelar o conhecimento para que se ocorra de fato um planejamento antes do consumidor final receber sua mercadoria. Porque de fato a necessidade é que a mercadoria seja entregue porém planejada de tal forma que não tenha risco para que ela chegue ao consumidor final; é isso que a otimização dessa qualificação profissional que o Catarino e o Sergio nos traz que a gente tem que disseminar para os outros departamentos, que têm um vago conhecimento. Com a divulgação desse conhecimento para eles, eles vão, de fato, reconhecer que a necessidade de se planejar é muito melhor do que se arriscar. Leva-se um tempo um pouco maior, porém a consequência é muito melhor, ela não é trágica, ela é aquela consequência que deu favorecimento ao desenvolvimento da empresa.



O que você acha da metodologia da Brasileiro?

O bom de ambos os professores é que eles nos deram alternativa de expor um mercado que a tua consequência da tua empresa te dá para que ele pudesse absorver e tratar de tal forma que ele pudesse nivelar a todos. Seja embarcador, seja segurador, seja gerente de risco. A metodologia que eles estão utilizando está sendo muito eficaz, porque ele trata o problema in loco de cada um e, logo em seguida, dissemina a tecnologia que o gerenciamento de risco proporciona. Está sendo de grande importância.

Além de passar o conhecimento que você adquiriu no curso para os colaboradores da empresa que têm ligação direta com você, você terá a oportunidade de passar isso para a alta gestão da empresa?

Sim, tanto é que ontem, ao findar do dia, com uma palestra do Sergio e hoje quando findar a do Catarina eu já estou preparando um documento para que a gerência e diretoria operacional possam ter uma integração mais ampla com o universo indispensável para o crescimento da empresa, para que de fato eles possam ver que isso tornou-se indispensável para a minha empresa.

Paulo Vasconcelos, Supervisor de Segurança da Petrobrás há 28 anos, aluno do Curso de CFTV e Digitalização de Imagens.

De que forma você e sua empresa conheceram a Brasileiro?

Na verdade, a gente conheceu o Brasileiro num seminário onde ele era um dos palestrantes, nos interessamos pelo tema e pedimos junto à gerência para que a gente começasse um treinamento com a equipe. Nós temos um projeto de integrar a segurança eletrônica da Petrobrás como um todo, como uma decisão corporativa da empresa e uma necessidade dos processos, obviamente, então a gente veio fazer esse primeiro treinamento, eu, como líder dessa atividade da minha área, e a gente percebeu que tem que haver um ganho, a gente tem que melhorar um pouco mais, desenvolver a equipe, colocar o treinamento primeiro pra depois iniciar o processo de mudança, porque você não consegue fazer uma mudança se você não treinar a habilidade das pessoas. E a gente fez o primeiro treinamento, replicou isso internamente, criou uma expectativa, motivou a equipe e hoje a gente está trazendo parte da equipe para completar o ciclo dessa idéia.

De que forma vocês pretendem estar aplicando os conhecimentos técnicos, conceituais na prática?

Na verdade, agora, no retornos às bases, o que que a gente vai fazer? A gente se reúne, faz um brainstorm, analisa as questões com foco nos nossos processos, vê os pontos de melhoria e começa a aplicar os treinamentos. Na realidade, não tem uma dinâmica, porque vem parte de uma equipe e em seguida vem a outra, não se consegue deslocar todo mundo. Essa equipe que vem agora vai chegar lá e ser multiplicadora. Nesse brainstorm a gente gera um treinamento interno e replica isso para as pessoas, ou seja, se houver uma demanda, um gap de tempo para essa outra parte da equipe vir treinar, o conhecimento já foi disseminado.





Então foi uma decisão da alta gestão de que teria que reformular o sistema?

Sim, a Petrobrás tem que buscar novas tecnologias para acompanhar essa competitividade do mercado, quanto a isso não resta nenhuma dúvida, e pra isso tem que ter treinamento.

Com os conhecimentos adquiridos você acha que vocês estarão aptos a escolher um bom sistema, a otimizar os custos e a ter uma boa eficácia no monitoramento?

Eu trabalho numa área dentro da Petrobrás que presta serviços para as outras unidades da própria Petrobrás, então o conceito de prestação de serviços passa pela qualidade, passa por um custo aceitável e a satisfação do cliente, pra isso você tem que buscar essa formação para avaliar custo, risco e benefício. Na área de segurança o risco é muito difícil de ser avaliado e você tem que avaliar o risco porque, de repente, você usa um equipamento que é de um custo muito alto mas não te dá risco nenhum. Então, no fundo, o cliente aí ficar insatisfeito porque vai impactar nos recursos dele.

E você acha que o curso ajudou a vocês a adquirirem conhecimento suficiente para escolherem bem o melhor sistema que vá atender as necessidades da empresa?

Com certeza. Eu acho que a gente, prestando serviço, vai conseguir ir ao mercado para buscar uma ferramenta que o cliente precise. Se nós não tivermos consciência daquilo que nós vamos adquirir, nós vamos estar sob uma reponsabilidade de dar uma ferramenta que não atende às expectativas do cliente. Nós conhecemos a necessidade do cliente interno e vamos ao mercado lá fora mas a responsabilidade do retorno que o produto vai dar para o negócio do cliente é nossa. Então o fornecedor fornece não para o cliente mas para mim, no caso, como representante do cliente. Então eu preciso estar conhecendo, atualizado, para poder adequar a necessidade do cliente ao poder de aquisição dele, ao custo. Porque senão ele vai estar jogando recurso fora e, de repente, há um impacto no negócio e com um impacto no negócio você pode perder o cliente (rs). E o nosso caso não é perder cliente é ganhar cliente! Montar carteira.

Anteriormente ao curso atual de CFTV, que outro curso você fez com a Brasileiro?

De Segurança Eletrônica, compacto em uma semana abrangendo controle de acesso, segurança física, da instalação, as barreiras. Isso é o que fez eu voltar às minhas bases e ver que a minha equipe teria que vir, aí quem faz acesso vai vir na parte de acesso, quem faz segurança eletrônica vai vir na de segurança eletrônica, quem faz a física vai vir na física. Então eu fiz o todo pra ver quais são as etapas para cada um.

Mariana Fernandez

Editora

sumário

VOCÊ ESTÁ PREPARADO PARA OS NOVOS DESAFIOS DE RISCOS DO MERCADO??

PREPARE-SE !! FAÇA DIFERENÇA !!

**Frequente os cursos da Brasiliano&Associados,
empresa com mais de 20 anos de experiência
em Gestão de Riscos Corporativos !!**

informações | 11 5531-6171
| www.brasiliano.com.br
| info@brasiliano.com.br

 **b&a**
BRASILIANO & ASSOCIADOS



A vida no exterior: Sonho X Realidade

Luca Tenzi

Então você finalmente foi promovido para aquele cargo no exterior. Em breve estará na companhia de centenas de trabalhadores expatriados do mundo todo. Amigos dão os parabéns através de sorrisos amarelos. A verdade é que uma experiência no exterior, onde quer que seja, é algo desafiador e enriquecedor. Deixar sua casa, família e amigos para trás, deixar sua zona de conforto e entrar numa área cheia de coisas desconhecidas. Muitos problemas o aguardam à frente, como desafios de gerenciamento, equívocos linguísticos e incompreensões culturais adicionados ao mais importante de todos, administrar a família. Como diz o ditado, você sabe o que deixa para trás mas não sabe o que te espera à frente! Agora o desafio é preparar-se para entender o que está por vir. Como você se prepara para ir para o exterior? Quais são os principais problemas que você deve considerar quando partir?

Em primeiro lugar e o mais importante, colete o máximo de informação e elabore o maior número de questões que puder. Nenhum questionamento é tolo o bastante nesse estágio. Hoje em dia, grandes corporações – ao menos aquelas que consideram a expatriação um negócio sério – contratam especialistas em remanejamento. O departamento de recursos humanos de algumas companhias possuem empresas de remanejamento de pessoal avaliando o pacote completo do expatriado, incluindo transferência de benefícios, seguro, locação de domicílio, auxílio educacional

e até leasing de veículo. O melhor tipo de serviço de remanejamento irá te proporcionar treinamento cultural, incluindo a identificação das diferenças entre você, as bases do seu perfil e a cultura a que estará exposto. Alguns irão fornecer cursos básicos de língua antes da viagem. Se sua empresa não utiliza o serviço de remanejamento eles deveriam ter recursos internos para o trabalho. Enquanto eles estiverem cuidando dos procedimentos burocráticos do visto de trabalho, esses especialistas terão algumas das respostas para suas indagações. No final, você não é provavelmente o primeiro expatriado que eles transferiram. Mesmo se você for o primeiro a pisar no território de destino, é quase certo que eles já transferiram alguém para algum lugar antes!

À parte das funcionalidades e logística, você precisa separar um tempo para analisar por que está indo para o exterior. Você está indo pela experiência? Pela aventura? Ou é sua forma de construir sua carreira? Por que sua empresa está te mandando para tal país, subsidiária, companhia controlada, para tal unidade de negócio ou para tal local de projeto? O que eles estão esperando de você, de sua performance lá? O mais importante é você saber claramente quais são suas expectativas para essa experiência, os objetivos que você almeja alcançar com essa decisão profissional. Como você deve imaginar, há muitas razões para enviar um funcionário ou executivo para fora do país. É provável que tal ação seja parte da estratégia da companhia. A companhia talvez possa precisar de sua expertise para completar ou salvaguardar um projeto específico. Alternativamente, sua expertise pode ser requerida para integrar uma equipe local, possivelmente requisitada por outro expatriado com o qual você pode ter trabalhado antes em projetos similares. Ganhar experiência internacional

pode ser um pré-requisito para alcançar aquela promoção à posição senior. Quaisquer que sejam as razões, você tem que querer que elas estejam claras para você. Se não estão, bem, esteja certo de que irá clareá-las com sua gestão. Por que isso é tão importante? Bem, sua função no país hospedeiro será a de contribuir para todo o seu perfil ao lado da companhia. Aqui estão apenas uns poucos exemplos do por quê você tem que querer entender por completo sua posição como um executivo além-mar.

Alguns cargos no exterior são praticamente apenas mudanças horizontais; você está indo fazer o mesmo trabalho só que em outro país. Você é um corretor de commodities em Nova Iorque e sua companhia está te mandando para fazer o mesmo no escritório de Londres ou de Hong Kong. Trabalho similar, escritório diferente. Por que? Bem, pode ser parte de um treinamento de trabalho, a gerência acredita que você é um talento mas que precisa de experiência internacional, exposição, antes de ser promovido. Eles estão transferindo aquela tarefa específica para o exterior e eles te dão essa oportunidade. Então se você está fazendo o mesmo trabalho em outro local, o entusiasmo virá da nova localidade, não de um novo trabalho. Se esse é o caso, você irá querer entender o que



estará te esperando após a experiência no exterior ou, se essa é uma viagem apenas de ida, melhor seria impossível.

Suas habilidades são requeridas num projeto específico, numa posição específica. Você irá integrar um time local dando-lhe todo apoio que precisa. Nesse caso, você é como um jogador de futebol estrangeiro que se junta ao time local. Todos os olhares estão sobre você, sua performance e suas habilidades. Você será examinado em cada passo que der, e isso se estenderá à sua vida pessoal. Lembre-se de que um jogador de futebol que passa a noite inteira na balada apenas para jogar mal em campo vira notícia. As expectativas serão maiores sobre você do que sobre qualquer um dos locais. Você é o cara que veio de fora, então tem que ser bom não importa como. A pressão está sobre você. Mantenha seus amigos perto e seus inimigos mais perto ainda.

A próxima questão crucial é “Quanto tempo ficarei?”. Muitos colegas meus viajam a cada 3 ou 4 anos, enquanto outros vão a cada 5 ou 6 anos. Como times esportivos, algumas companhias planejam um primeiro contato por um período pré-determinado, 3 anos com a opção para 2 anos ou renovação anual. Governantes são mais regulares em suas agendas e irão

propor um período fixo de rotação, na maioria das vezes 3 anos. Qualquer período que seja, é importante saber exatamente por motivos de planejamento. Você vai manter seu apartamento? Vai alugar sua casa? Como você planeja ser lançado para uma nova localidade você terá que planejar como irá deixar seu lar atual.

Em torno de um ano antes de sua partida além-mar, você terá que querer conversar com seu gerente sobre o que te espera. Lembre-se, durante o tempo que ficará fora as coisas poderão ter mudado, gerência, possível abertura, estratégia da empresa ou sócio-proprietário, etc. Existem três cenários possíveis à sua frente, permanecendo mais de 1 ou 2 anos, indo para outro país ou retornando de onde veio em primeiro lugar. Tudo isso precisa ser discutido, você precisa adquirir uma noção clara se esta experiência além-mar te proporcionará aquela graduação na carreira de quando você agarrou a oportunidade pela primeira vez. Mas há uma exceção que é a localização. Algumas corporações não terão a oportunidade ou o espaço para trazer você de volta ou para propor uma nova experiência internacional. O custo de um funcionário fora é grande e se a companhia está vivendo alguma dificuldade financeira



pode ser que a gerência proponha sua localização, o que significa que será contratado localmente mantendo-se apenas uma parte de seus benefícios atuais, mas, em geral, essa é outra estória.

O próximo passo é a questão de onde você está indo. Essa é a parte mais importante de toda discussão. Claro que você tem uma idéia geral de para onde está indo mas não é suficiente. É possível que você tenha visitado o local no passado ou tenha algum tipo de colaboração mas não é uma condição sine qua non. Lembre-se que visitar é diferente de viver por 2 ou 3 anos. Mesmo dois ou três meses de vivência, enquanto não se cansa, é diferente de uma mudança por inteiro.

Aproveite o tempo para estudar e questionar sobre para onde está se mudando. É fácil buscar informações sobre cidades grandes como Londres, Paris, Nova Iorque ou mesmo Rio de Janeiro, São Paulo, Johannesburgo, Cingapura ou Hong Kong. Se você vai para uma operação pequena em Calciolândia no Brasil, bem, você terá que fazer o seu dever de casa. Outro elemento para se considerar é de onde você vem. Se você está vindo de uma cidade pequena na Suíça como Lugano, com menos de 50 mil habitantes, e desembarcando no Rio de Janeiro – com mais de 7 milhões – você terá que se preparar para ajustes significativos. Um amigo íntimo meu teve sua primeira experiência fora de seu país no Rio de Janeiro, transferido da pequena cidade francesa de Clermont-Ferrand. Sua estada no Rio foi imediatamente seguida por uma recolocação em Bangkok. Isso sem dizer que ele fez grandes mudanças em ambos os casos. É algo parecido a se mudar de Milão para São Paulo, de Londres para Cingapura, de Nova Iorque para Zug ou de Tóquio para Lima. As primeiras coisas que vêm à mente é a língua. Ou você irá

gastar seu tempo no exterior falando em inglês como língua comum? Como você irá se comunicar com a sua gerência? Em Tóquio ou Pequim, as reuniões sempre contam com tradutores porque apenas poucos estrangeiros contarão com o domínio da língua local. Mas imagine se você é um japonês liderando um projeto numa linha de produção no México,

você não pode esperar que o cara de colarinho azul fale inglês. Dessa forma você viverá sua experiência profissional escoltado por um tradutor até que o seu espanhol seja bom o suficiente para você andar sozinho. Grandes considerações são requeridas se você viaja com um parceiro, e mais ainda se você tem filhos na cidade. Como eles irão se comunicar em sua vida diária? Lembre-se que você terá que ter um tradutor ou assistente executivo bilíngue, eles não.

Se você nunca esteve na localidade para a qual a companhia quer te enviar, minha sugestão é que você agende uma visita no mínimo duas vezes antes de você aceitar a idéia. Se puder, para ambas ocasiões, dedique ao menos uma semana. Primeiro, por você mesmo para que se foque nos aspectos profissionais da sua experiência fora. Perceba no que você está se metendo. Faça perguntas, visite dependências e veja os locais de produção. Se você fará parte de ou vai liderar um time, arranje um encontro com eles e dedique-lhes algum tempo. Não esqueça de pedir um guia preparado



para te apresentar a região. Se no local há outros estrangeiros, eles serão uma grande fonte de informação sobre como é trabalhar lá, os desafios culturais, como é trabalhar com os locais, como é difícil se comunicar, quão difícil é aprender a língua e por aí em diante. Se você estiver tomando o lugar de outra pessoa, ela é a chave para você se encaminhar. No trabalho e fora dele, conheça a “verdadeira história” após o almoço ou jantar. Não esqueça de garantir um dia para si mesmo também. Veja como você se dá com a cidade, analise sua capacidade de comunicação e deslocamento. Entre em shopping centers e pequenas lojas, compre jornais e almoce ou tome um café sozinho.

Se você estiver planejando essa experiência com outra pessoa importante, e filhos talvez, faça um segunda viagem. Nessa segunda vez você irá dedicar algum tempo para levantar questões ou dúvidas que podem ter surgido desde sua primeira visita. A maior parte do tempo, contudo, você terá que dedicar para experimentar a cidade com seu (sua) parceiro(a). Irá se ater a detalhes como apartamentos ou escolas. Encontrar um apartamento em alguns lugares pode ser um verdadeiro desafio; em outros, é algo determinado já que você irá viver numa área limitada. Essa possibilidade tardia poderia ser muito desgastante para os membros da família. Você que estar certo de que seus entes queridos percebam como a vida deles seria no local. Marque um encontro com amigos e parentes de um outro estrangeiro. Sua esposa ou marido podem ter uma visão diferente da cidade no que tange à educação, saúde e serviços. Questões simples como por exemplo se seu parceiro(a) terá permissão para dirigir no país estrangeiro. Em alguns países do Oriente Médio as mulheres não têm autorização para dirigir. Você

se sentirá confortável dirigindo no lado oposto da rua, isso irá ocorrer se você for para a Índia, Japão ou Inglaterra, apenas citando alguns.

Algumas embaixadas tem uma rede de apoio bem estruturada ou associações de estrangeiros. Você irá querer conhecê-las para ver como elas podem te ajudar. Estou certo de que o receberão de braços abertos a oportunidade de compartilhar suas experiências, sugestões, recomendações, seus incentivos e adversões. Isso te dará alguns flashes de informação sobre custo de vida, melhor lugar para alugar um apartamento, educação, convênio médico, etc. Em alguns países, as embaixadas podem auxiliar com indicações de empregadas domésticas ou babás. Você verá anúncios de apartamentos ou mobília que você poderá adquirir de um outro estrangeiro que está se mudando. Programas de boas vindas para cônjuges e crianças, clube de esposas, etc, podem ser uma benção a você enquanto você se ocupa disso na “terra promissora”. Todos os seus amigos de anos ficarão para trás; você está agora à caça de novos amigos, por isso esses clubes são um bom ponto de partida para tornar-se conhecido também. Sim, você também fará amigos no trabalho mas após alguns meses tenho certeza que gostará de ver outros rostos, falar sobre algo diferente do que sobre os problemas da companhia.

Durante sua expedição em busca de informação, segurança pessoal e problemas relativos à segurança também precisam ser apontados. Você pode ter pouca ou nenhuma idéia do local para





onde está indo e dos riscos que está correndo. Segurança é algo muito pessoal, muitos especialistas concordarão com isso. Eu não estou me referindo apenas à países em guerra; todas as cidades têm problemas estritos de segurança, por exemplo Joanesburgo, Cidade do México, Moscou. Como você define perigoso? Se você vem de uma cidade bem organizada e confiável força policial, com apenas 8 homicídios por 100 mil habitantes, pode ser traumatizante deslocar-se para um lugar que atinge 58 homicídios por 100 mil habitantes, onde a corrupção policial predomina. Rio de Janeiro é um destino 'perigoso', mas centenas de estrangeiros mudam-se para lá todos os anos e vivem ao lado de milhões de cariocas locais. Sua empresa deveria estabelecer uma graduação de risco de segurança para os países onde opera. Seu governo também terá algo similar, o qual pode te ajudar a formular uma melhor idéia de riscos de segurança que também guie as negociações com sua companhia.

Como parte da nova legislação européia quanto às responsabilidades das corporações, as grandes corporações devem providenciar um panorama completo da segurança para os estrangeiros antes da partida. É preferível que seja feito pelo time de segurança interno. Dessa maneira, você terá que saber aqueles que realmente irão te auxiliar em caso de emergência.

Companhias menores chegam a usar um terço de seus consultores de segurança para realizar a tarefa. Alguns governos têm programas institucionais para seus cidadãos que viajam para fora, contudo, por sua natureza são genéricos e não adaptados às necessidades específicas de um caso individual. Mais uma vez, anote todas as suas preocupações e traga seu parceiro para participar do treinamento de segurança caso seja possível, dessa forma a mente dele ou dela poderá ser tranquilizada. A que riscos você estará exposto? Você estará vulnerável ao crime das ruas, assaltantes, sequestro, instabilidade política, violência política ou racismo? Seu escritório ou operações no país podem tornar-se um alvo somente porque são de origem estrangeira ou porque a hostilidade local dirige-se à nacionalidade da firma. É importante que você perceba quais são as ameaças contra sua companhia, se existir alguma, naquela parte do mundo em particular. você pode operar em uma companhia farmacêutica que vê sua experiência R&D brasileira destruída por um grupo ambientalista extremista contra pesquisas de mudanças no código genético. Preste atenção durante as instruções de segurança as informações devem ser específicas quanto ao país, por exemplo, a África do Sul possui o número mais alto de estupros por habitante, o mesmo não vale para a Colômbia. Sequestros patrocinados por terroristas ou motivados por motivos políticos ocorrem nas Filipinas enquanto o México mantém o mais alto nível de criminosos. O especialista em segurança deveria estar apto a dizer se a força policial local é profissional e confiável, ou corrompida e criminalizada. Por isso, faça questões de segurança relacionadas ao seu trabalho. Se você está conduzindo um projeto quererá saber sobre, por exemplo, corrupção, lavagem de dinheiro,



extorsão, trabalho intranquilo, etc. Compreenda as diretrizes de segurança da companhia, política e procedimentos relacionados à segurança. Você tem que saber claramente para quem ligar se algo acontecer, que irá te orientar com recomendações e apoio. Identifique o número de telefone do serviço de emergência no caso de alguém ser assaltado ou para quem seu parceiro deva ligar se você for assaltado.

Eu aconselho que durante sua visita ao local, você tente levantar questões de segurança também com seus colegas. Se houver uma pessoa de segurança no local não te custará mais que um café com ele ou ela. Ela será sua melhor aposta na checagem real dos riscos. Ele ou ela podem ser natural do local ou estrangeiros; em ambos os casos ela terá sólidas informações para você. Requisite uma avaliação individual da sua seleção de casa ou apartamento, da escola que seus filhos irão frequentar e solicite uma avaliação aprofundada na babá selecionada para seus filhos. Consulados e Embaixadas, igualmente, podem ter um oficial de segurança dedicado com o qual você também pode conversar. Enquanto a maioria das escolas frequentadas por estrangeiros são de ótima reputação o dia-dia de trânsito pode ser muito inseguro. Por exemplo, a Escola Americana no Rio

de Janeiro e localizada em local próximo de uma favela ativa. Após um número de balas perdidas, que alcançam a avenida e o prédio principal da escola, nós providenciamos um transporte blindado para as crianças de um funcionário senior que a frequentavam. Tenho certeza que não é o que seus filhos desejam ao ir para a escola.

É senso comum que no Brasil, México ou Colômbia, as companhias providenciem carros blindados para executivos e funcionários. Em último caso, pode não ser para todos os expatriados, mas apenas para os que ocupam cargos executivos em grandes companhias. Se a firma te providencia um carro blindado, não é um benefício ou um brinquedo de 007 para impressionar seus hóspedes. É para te proteger. Se eles querem te proteger, então o risco é maior do que em casa onde você conta com um Cabriolé como carro da empresa ou possui uma motocicleta. O carro blindado é bom apenas se você usá-lo. Lembro-me de um caso de um executivo senior que foi assaltado dentro de seu veículo blindado com uma arma apontada para ele enquanto ele esperava num estacionamento, claro que a janela estava totalmente aberta para ele fumar um cigarro. Uma vez que você tenha entendido que o lugar para onde vai requer um carro blindado por razões de

segurança, talvez seja a hora de você reavaliar a oportunidade proposta. Primeiro, o carro blindado não é a prova de balas mas resistente à balas, o que significa que, se você não sabe a diferença, é melhor fazer um treinamento antes de usá-lo. Vale a pena ressaltar que o simples fato de dirigir um carro blindado também requer alguns ajustes. O peso extra do carro faz com que reaja diferente às curvas ou durante uma chuva. A companhia deverá te fornecer um curso de direção defensiva. A aula te dará uma melhor noção de como o carro reage em certas condições e, o mais importante, irá te ensinar como utilizar o carro para escapar em caso de assalto à mão armada. Segundo, e para mim, o mais complicado, se você tiver o carro blindado da companhia para ir e voltar do trabalho, este permanecerá a maior parte do tempo estacionado no estacionamento da companhia e, o que seu parceiro irá usar? Ou seja, como você vai explicar para sua esposa que é suficientemente arriscado para a companhia te dar um carro blindado mas que você comprou para ela um Peugeot 206? Obviamente, se seus colegas seniores receberam o “benefício blindado” e você não, isso não muda o risco do país, portanto você terá que aprender a como proteger-se sem ele.

Outro “benefício” que você pode ter como um executive senior, como no caso de CEO ou CFO, num país arriscado será um motorista e se você for muito “sortudo”, guarda-costas. Enquanto um motorista pode ser especialmente útil de forma que você possa trabalhar ou ficar por dentro das notícias durante a ida para o escritório e não precisar se preocupar com o tempo do estacionamento durante um encontro, o último é uma complicação. Bem, na situação de

expatriado mencionada, enquanto você tiver um guarda-costas andando atrás de você em todo lugar que você for, sua esposa e quatro filhos andam por aí desprotegidos. Não é preciso dizer que os “caras maus” procuram o alvo mais fácil. Claro, você pode sempre optar pela segurança “das 9h às 17h de segunda à sexta-feira”, durante as horas de trabalho você usará todo o dispositivo de segurança que a segurança da corporação exige que você use, mas, após o horário de trabalho e aos finais de semana você o dispensará. Certifique-se de dizer isso aos criminosos também, sem sequestros, assaltos ou disparos após o horário de trabalho e aos finais de semana, por favor! Na condição de expatriado, a responsabilidade da companhia não cessa ao longo do fim-de-semana ou após o horário de trabalho. A melhor segurança é aquela que você se sente confortável em tê-la em tempo integral. Se você e sua família estão dispostos a ter um custo de vida modesto e usar de modo correto o motorista consignado pode também evitar ter guarda-costas e carro reserva. Se você é o CEO, no momento em que o diretor de segurança se aproximar e pedir que reforce sua segurança pessoal para um evento social específico ou discussão de contrato sindical, você ficará feliz em pedir e o diretor de segurança em atender você e sua família com segurança apropriada para aquela breve ocasião.

Luca Tenzi

Mestre em Gerenciamento de Risco em segurança e criminologia Leincester University em Londres- Inglaterra. Atualmente é Diretor de segurança Internacional, responsável pela América Latina da Prudential Financial.

sumário





Coleção **GESTÃO DE RISCOS**

Com lançamentos inéditos todos os meses, a Coleção Gestão de Riscos da Sicurezza Editora completará 50 títulos. Será a primeira coleção de livros da área de riscos, completando uma lacuna que tem pressa de ser preenchida no mercado.

Trazendo informação técnica e competente na abordagem de assuntos pouco discutidos por via editorial, o compêndio abordará, temas como: Sistemas de Informação, Incêndio, Investigação, Segurança Pessoal, Segurança Patrimonial, GRC, Inteligência e Gestão Pura.

Já estão à venda no site da Sicurezza os títulos Gestão e Análise de Risco Corporativo- Método Brasileiro Avançado, As Formas do Crime, Guia Prático para elaboração de Fluxograma.

Gestão de Riscos Operacionais: para um sistema de abastecimento de água (Sicurezza, 2009), dissertação de mestrado de Ana Maria Ribeiro, traz aos gestores de risco um estudo profundo focado no risco operacional.

Na obra, a autora apresenta “uma proposta de roteiro das principais etapas para a concepção e desenvolvimento de modelo conceitual de Gestão de Riscos Operacionais – GRO, bem como uma ferramenta e sua aplicação no processo de distribuição de água para os diferentes tipos de cenários.”

Ao longo de nove capítulos, Ribeiro caracteriza com completude o objeto de estudo , o enfoque e o método utilizados finalizando com um estudo de caso de um sinistro causado por escorregamento. A palavra “escorregamento” aí empregada se refere ao solo, que, em decorrência de infiltração de água causada por ruptura na rede, movimentou-se e causou o desmoronamento parcial de algumas edificações e o comprometimento de outras.

A dissertação foi desenvolvida nas dependências do IPT - Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo e orientada pelo Prof. Dr. Eduardo Soares de Macedo. O prefácio é do Engenheiro Jairo Tardelli Filho do Departamento de Planejamento Integrado da Metropolitana – Sabesp.



SEM CARA FEIA E SEM PERDAS

Como se tornar um agente de segurança de sucesso? O guia prático de Ayrton Cardozo ensina como se tornar o agente de segurança que o mercado tanto procura



Pense em um segurança. Que imagem te vem à mente? Um sujeito sisudo, de baixo nível de escolaridade, mau-humorado e que adora abusar de sua autoridade? Isso não é à toa, a não ser que você seja um deles. Hoje em dia, muitos agentes de segurança ainda denotam esse perfil que denigre a imagem da categoria e que não traz muitos benefícios nem ao empresário nem às pessoas, o maior patrimônio a ser salvaguardado.

Como diz Ayrton de Oliveira Cardozo em Guia Prático do Agente de Segurança (Sicurezza, 2009), “o bem maior que devemos resguardar é a VIDA”. Na obra, o autor vem reconstruir a identidade do profissional de segurança, tanto para esses, quanto para os outros, combatendo o preconceito existente.

Dar segurança pressupõe primeiro passar confiança, pois não é possível sentir-se seguro se não se confia no encarregado de garantir a segurança. Não adianta fazer cara de mau, isso só assusta ladrõezinhos, criminosos de verdade, acabam descobrindo o ponto fraco do agente que só tem cara, e não competência.

Como explica Ayrton, “a busca por conhecimentos deve ser incansável ao longo de nossa carreira pois já está longe o tempo em que os atributos de um bom profissional de segurança era seu porte físico e o tom rude e impositivo que tratavam seus clientes”.

Ao longo de 34 capítulos devidamente ilustrados, o Consultor Sênior da Brasiliano & Associados em Segurança Empresarial e ex-oficial da PM do Rio Grande do Sul, destrincha todos os pontos cruciais da formação, comportamento, equipamento e aparência do agente de segurança, além de caracterizar e explicar sobre ameaça, escolta, ação delitiva, contra vigilância, veículos, formações entre outros temas, além de trazer as principais teorias aplicáveis na área da segurança pública e privada.

Através deste verdadeiro manual para o agente de segurança, o consultor de segurança denota a bagagem de quem além de possuir numerosos cursos no Brasil, EUA e Europa nas áreas de Proteção de Executivos, Gerenciamento de Crise, Negociação de Reféns, SWAT Básico e Avançado, Resgate de Reféns, Comando e Controle, Manuseio de Explosivos, Entradas Táticas com Explosivos e Investigações Pós-Explosões (EOD), Gestão de Projetos e Segurança do Alimento, também é responsável pela gestão e coordenação de inúmeros eventos e missões de proteção pessoal, para diversas empresas multinacionais.

O autor destaca que “atuar na Proteção Executiva significa ser discreto em suas ações e pensar preventivamente” já que hoje o mercado encontra-se muito mais exigente quanto ao compor-

tamento e formação do profissional. Para ele, experiência, qualificação e valores éticos e morais “serão o grande diferencial (do agente de segurança) neste mercado cada vez mais competitivo”.

Outro assunto importantíssimo e completamente discursado pelo autor é a preparação técnica do profissional, adequada às situações dos tempos atuais e capacitadas com as tecnologias disponíveis no mercado.

Mas o ponto-chave do livro está subjetivo e se trata da prevenção, pois antes de remediar situações de perigo, o agente de segurança deve, atualmente, prevenir tais situações, sendo consciente dos riscos existentes nos processos dos quais participa na labuta diária.

Supra sua necessidade de atualização correspondendo às expectativas do mercado e aprenda a ser o agente de segurança que todo mundo gosta, surpreendendo os aproveitadores de plantão.

O guia já está à venda no site da Sicurezza Editora

MEDIDAS PARA VIVER MAIS SEGURO

Do cidadão comum ao empresário, do patrimônio à vida: dicas que distanciam nossa rotina diária dos perigos da criminalidade

O mundo do crime se adaptou ao encarceramento de seus líderes e à prisão do cidadão comum em suas próprias residências e automóveis. Hoje, muito mais frequentes que os assaltos à residências que lotavam caminhões levando eletrodomésticos, que os assaltos dos batedores de carteira em locais perigosos e do que os sequestros planejados, sequestros relâmpagos, invasões de condomínios, latrocínios no trânsito, entre outros crimes sanguessugas, são preferidos dos marginais.

Disse sanguessugas, pois conforme nota Helio Santiago Vaistman em Dicas de Segurança (Sicurezza, 2010) “os marginais mudaram de tática” pois passaram a “manter a vítima o menor tempo possível em seu poder (...) enquanto tentam obter a maior quantidade possível de dinheiro ou bens”.

No compêndio de informações sobre segurança que compõe a obra, “o autor resolveu juntar em uma única fonte literária, para consulta rápida, um conjunto de temas sobre violência, em geral, ora tecendo considerações sobre determinada modalidade de crime ou violência ora apresentando algumas “dicas” de como as pessoas leigas no assunto poderão se proteger, visando minimizar os riscos a que estão diariamente submetidos.”

O autor explica que, “em face de esta mudança de atitude dos marginais, é necessário que a sociedade organizada, passe a adotar medidas preventivas de segurança, de maneira a reduzir ou minimizar os riscos e efeitos provenientes de novas modalidades de agressão ao cidadão.”

Em seis capítulos, a obra é dividida em: Segurança na Residência, Detalhes Humanos e Segurança Familiar, Segurança nas Ruas, Segurança nos Bancos e com o Dinheiro, Segurança contra Crimes Diversos, Segurança no Trabalho e em Situações Específicas.



O livro, de forma completa, também aborda as situações de emergência, orientando como agir durante situações de emergências médicas em vias públicas, ensinando como salvar uma vítima de afogamento, como proceder durante um terremoto.

Além de dar dicas para uma prevenção nos processos rotineiros, Helio também ensina como se livrar de fraudes, extorsões e todo tipo de violência que se dá em nível relacional.

Ou seja, é um manual para o cidadão em geral, de grande valia para todos, já que trata de uma necessidade humana primária: a segurança.

Confira em breve o lançamento do livro no site da Sicurezza Editora.

LIVROS LANÇADOS



para comprar acesse: www.sicurezzaeditora.com.br

sumário)